

Resumos das comunicações do IV SEMINÁRIO DE PESQUISA do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará

Polymatheia – revista de filosofia (on line)

Editora da Universidade Estadual do Ceará
Mestrado Acadêmico em Filosofia
ISSN: 1984-9575

Volume V – Suplemento (2009)

ADOLFO PEREIRA DE SOUZA JUNIOR (adolfo-junior@hotmail.com), Mestre em Filosofia (UECE/FUNCAP), Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica da Sociedade. Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **A crítica do mito e da mera vida no jovem Benjamin: uma relação entre tempo e linguagem.** Está na relação entre tempo e linguagem a especificidade da produção crítica e filosófica de Walter Benjamin dos anos entre 1916 e 1925. Nessa fase de juventude, especialmente em *Origem do Drama Barroco Alemão*, a crítica literária se expressa como um modo específico de compreender o tempo histórico. A peculiar relação de coexistência entre ideiação e fenômeno, nos conceitos de ideia e origem (*Ursprung*), sistematizam-se numa concepção filosófico-histórica que é devedora de uma teoria da linguagem e de um problema ético-político fundamental: a crítica do mito e da mera vida, enquanto experiência histórica constituída na ambiguidade do tempo imediato. Entender o desenvolvimento dessa concepção na fronteira entre a crítica e filosofia da história é o motivo dessa pesquisa. **Palavras-chave:** Walter Benjamin, mito, mera vida.

AFÂNIO RAMI COELHO SALES (rami.sales@gmail.com), Graduação em Filosofia (PROVIC/UECE), Grupo de Pesquisa em Estética e Filosofia Social. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilana Viana do Amaral (UECE). **Anti-semitismo em Hannah Arendt.** Hannah Arendt (1906-1975), ao analisar *As Origens do totalitarismo* (1951), identifica o preconceito como a única noção capaz de agregar massas de interesses diversos, como são na contemporaneidade, em torno da ideia unificadora do totalitarismo. Para Arendt é desproporcional que a questão judaica (*Judenfrage*), que não é necessariamente uma questão política, tenha dado origem ao horror da segunda guerra mundial, mas, por outro lado, a autora entende que o totalitarismo seria impossível sem uma forma de preconceito amplamente disseminado, como era o anti-semitismo. A construção moderna do anti-semitismo como pensada por Arendt é diferente do ω-munmente propagado, pois nem se considera os judeus

como integrantes de uma sociedade secreta (Os Protocolos dos Sábios de Sião) que controlaria grande parte dos Estados europeus, nem os considera vítimas meramente passivas do processo constituidor do Holocausto. Esta pesquisa visa, de modo sucinto, evidenciar de que modo Arendt compreende o anti-semitismo e o motivo pelo qual, para a autora, este é base necessária à implantação do totalitarismo. **Palavras-chave:** Hannah Arendt, anti-semitismo, totalitarismo.

ALESSANDRO SOUSA CARVALHO (a-le_leao20@hotmail.com), Graduação em Filosofia (UECE). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristiane Maria Marinho (UECE). **O ser genérico humano na sociedade capitalista.** A presente pesquisa bibliográfica almeja expor a proposição marxiana de que a forma de ser do homem é ser genérico e, em seguida, analisar esta forma de ser dentro da sociedade capitalista. Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx afirma o homem como ser genérico, ou seja, um ser que faz tanto o seu próprio gênero, quanto os demais, o seu objeto, tanto prática como teoricamente. Dessa forma, é da natureza humana produzir universal e livremente. A sua própria vida lhe é objeto porque o homem é ser genérico e, sendo assim, a sua atividade é atividade consciente e livre. Contudo, na sociedade capitalista a atividade produtiva humana não é livre, mas sim alienada do próprio trabalhador, não é consciente, pois o trabalhador o faz não com o intuito de possuir o objeto, mas em troca de dinheiro. No capitalismo, o homem perde seu próprio objeto, que se torna estranho a ele. Por conseguinte, não há a possibilidade de manifestação do ser genérico humano em tal sistema. Em vista disso, pretende-se delinear o pensamento de Marx a fim de fornecer seus preceitos, as suas constatações e a superação dessa impossibilidade da própria natureza humana no capitalismo. **Palavras-chave:** Marxismo, ser genérico, alienação.

ALEX PINHEIRO LIMA (poetaum@hotmail.com), Graduação em Filosofia (UECE). Orientador: Prof. Dr. Kleber Carneiro

Amora (UECE). **A adequada compreensão da Natureza para o combate à superstição em Spinoza.** O objetivo do presente trabalho é precisar o papel da adequada compreensão da Natureza para o combate à superstição em Spinoza. Pretendemos expor de forma clara e sistemática o pensamento deste filósofo referente à primeira parte da *Ética*, intitulada “Sobre Deus”, e fazer uma breve análise do prefácio de seu *Tratado Teológico-Político*. Naquele livro Spinoza vai demonstrar que Deus é a própria Natureza. Neste, por sua vez, o filósofo examina os fundamentos das religiões judaico-cristãs. A problemática acerca da Natureza é fundamental para a filosofia de Spinoza, pois todas as coisas que existem fazem parte dela, não existindo nada que lhe seja exterior. Diante disso, podemos afirmar que toda forma de superstição e misticismo nascem do falso conhecimento que os homens têm da Natureza. Como Deus não é transcendente ao mundo não podemos dizer que existe uma finalidade nas coisas naturais, sua ordenação ou um projeto do criador para as criaturas, por isso não precisamos cultuar Deus, mas conhecê-lo racionalmente. Com estas questões pretendemos mostrar que o pensamento de Spinoza tem como base o verdadeiro conhecimento das coisas naturais, visando libertar os homens de qualquer espécie superstição ou submissão, seja ela religiosa ou política. **Palavras-chave:** Superstição, natureza, Spinoza.

ÁLVARO LINS MONTEIRO MAIA (alvarolinsmm@gmail.com), Graduação em Filosofia (UECE), Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sílvia Peixoto Leão Almeida (UECE). **A douda ignorância e a complicatio da matéria em Bruno: sobre Ser, Natureza e Verdade no Renascimento tardio.** O propósito da presente incursão é estabelecer uma relação entre as reflexões do cardeal Cusano, em sua *Douta Ignorância*, e do ex-frade Nolano, no diálogo *Sobre a Causa o Princípio e o Uno*, acerca das concepções de Ser, Natureza e Verdade. O horizonte postulado por Nicolau de Cusa – complicatio, inalcançável, do todo no Um – encontra no pensamento de Bruno a noção de vestígio, que o intelecto aprende

quando se volta para o conhecimento do mundo, intuição que não está ausente também no cardeal Alemão. As imagens das impressões sensíveis, as figuras da imaginação e da matemática são formas mais ou menos adequadas para se falar – às quais se acrescentam, portanto, as línguas humanas – da infinidade daquilo que é do modo mais necessário: o divino objeto – onde os conceitos acima elencados (Ser, Natureza e Verdade) se conjugam. Este objeto tão sublime encontra paralelo somente na infinita vontade do homem, idéia na qual as reflexões desta comunicação alcançam seu termo. **Palavras-chave:** Uno, atéria, vontade.

ANTÔNIA DE JESUS SALES (antonia_saless@hotmail.com), Graduação em Letras (UECE). Orientador: Prof^a. Dr^a. Célia Maria Machado de Brito (UECE). **A paidéia como a primeira experiência democrática de educação integral enraizada na passagem do pensamento mítico para o racional e filosófico a partir da cultura helenística.** A partir da cultura helenística, uma nova concepção de cultura e do lugar ocupado pelo indivíduo na sociedade repercutiu no ensino e nas teorias educacionais. Inicialmente, nos primeiros tempos, a educação era ministrada pela família, logo em seguida, quando se constituiu a aristocracia, os jovens da elite foram confiados a preceptores. Após o surgimento da *polis* é que surgem as primeiras escolas, mas ainda como algo elitizado, atendendo prioritariamente aos jovens da antiga nobreza e os novos comerciantes enriquecidos. Daí advém a concepção de *scholé*, a escola como “o lugar do ócio”. Essa ênfase à formação integral deu origem ao conceito de Paidéia, exprimindo a idéia de formação constante. Tratava-se de uma orientação aristocrática, já que os “bem formados” não se ocupavam com as “artes servis”. O presente trabalho pretende discutir a *paidéia* como o início da fundamentação da educação, procurando compreendê-la e analisá-la do ponto de vista ético do ideal de formação grego. **Palavras-chave:** Paidéia, fundamentação, ética.

BRUNO CUNHA WEYNE (brunoweyne@yahoo.com.br), Mestrado Acadêmico em Direito (UFC/FUNCAP), Grupo de Pesquisa em Filosofia dos Direitos Humanos. Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Rodrigues da Costa (UFC/UECE). **A necessidade de superação da concepção ontológica da dignidade da pessoa humana.** A dignidade da pessoa humana assume hoje uma posição fundamental na ordem jurídica, convertendo-se em um princípio normativo com a complexa e difícil tarefa de assegurar uma vida social civilizada. Ao lado disso, contudo, pode-se observar que a presente época é dominada por um ceticismo que, no campo da ética, traduz-se na crença difundida de que não existem métodos racionais para determinar a validade de juízos morais. Esse paradoxo, entre a necessidade prática da dignidade e a dificuldade teórica de justificá-la racionalmente, não parece preocupar os juristas, haja vista que a doutrina majoritária adere ao entendimento de que a dignidade é um atributo intrínseco ao ser humano e que, simplesmente por isso, este é titular de determinados direitos, que devem ser respeitados por todos. Os juristas raramente estão dispostos a enfrentar as questões filosóficas que essa concepção (ontológica) suscita. Por exemplo: é possível conhecer o ser humano enquanto tal, para, a partir daí, extrair os direitos que lhe são inerentes? Este trabalho pretende assinalar os problemas teóricos da concepção ontológica da dignidade, para demonstrar, com isso, a necessidade de uma clarificação do conteúdo desse princípio, sob pena de ele ser reduzido um perigoso instrumental retórico a serviço dos interesses particulares e arbitrários daqueles que o aplicam. **Palavras-chave:** Dignidade da pessoa humana, ética, ontologia.

CECÍLIA ROSENDO TAVARES PONTES (cecilia.pontes@gmail.com), Graduação em Filosofia (UECE/IC), Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica da Sociedade, Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **As influências psicanalíticas no Caderno K da obra As Passagens, de Walter Benjamin.** O sonho é um fenômeno psíquico que ocorre durante o sono; o surgimen-

to e a arrumação das imagens do sonho (que se misturam entre imagens do cotidiano atual e imagens de um passado mais arcaico) se encontram no inconsciente daquele que dorme, fora do controle do consciente; é uma construção autônoma, possui leis próprias e sua função é possibilitar que o indivíduo continue dormindo ao admitir a realização de desejos negados ou proibidos no estado de vigília, subvizando e compensando a realidade. Em seus estudos sobre o capitalismo do século XIX, tendo por objeto a cidade de Paris, Walter Benjamin teoriza que a arquitetura, a moda, a política, enquanto formas oníricas, são processos tão automáticos no coletivo quanto a digestão, o batimento cardíaco e a respiração são para o indivíduo. Assim como os estímulos externos (e internos), no indivíduo que dorme, se trazem em imagens oníricas no inconsciente, o coletivo sonha e, nas passagens, mergulha em seu próprio interior. *As Passagens* são o sono no qual a consciência coletiva imergiu, e é no sonho que se encontra não o reflexo, mas a expressão das condições de vida já anunciadas pelo coletivo, assim como no despertar está a sua interpretação.

Palavras-chave: sonho, sono, despertar.

CLÁUDIA DALLA ROSA SOARES (claudia.dalla.rosa@gmail.com), Graduação em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa em Estética e Metafísica. Orientador: Prof. Dr. Expedito Passos (UECE). **Eagleton e a problemática estética: pensar questões sociais, políticas e éticas.** Terry Eagleton, na obra *A ideologia da estética* (1990), busca explicitar, por meio da categoria da Estética, diversas questões sociais, políticas e éticas, relacionando as idéias de sensibilidade e corporeidade a temas políticos tradicionais como o Estado, a luta de classes e os modos de produção. A estética assume, na contemporaneidade, um papel relevante, mas o que justificaria isso em um momento em que a arte perde seu caráter de força política? O que explicaria sua importância teórica em um momento histórico no qual a prática cultural e artística se torna um ramo de produção generalizada de mercadorias? O argumento de Eagleton é de que a importância assumida pelo pensamen-

to estético na contemporaneidade decorre do fato de ao se falar de arte, falar-se também de questões política e socialmente relevantes. Nesta comunicação objetivamos expor como a noção de estético é inseparável da construção das formas dominantes da sociedade capitalista, e da criação de uma nova subjetividade apropriada a esta ordem. Destacamos, todavia, que a Estética também pode ser compreendida como uma alternativa, revelando questões importantes no que concerne às lutas sociais emancipatórias. Assim, o desafio posto a uma Estética verdadeiramente radical é o de reconhecer-se como crítica social sem simultaneamente fornecer as bases para a ratificação política.

Palavras-chave: ética, política, ideologia.

CLAUDIO DE SOUZA ROCHA (claudiodrocha@gmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: GT Benedictus de Spinoza. Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **Política e Estado em Spinoza: Uma defesa da liberdade de pensamento.** O objetivo desta comunicação é analisar a relação entre liberdade e Estado no pensamento político de Spinoza. Procurando entender como Spinoza concebe a liberdade enquanto finalidade do Estado, expresso no direito de todos de pensar o que queira e falar o que pensa. Neste sentido demonstraremos a partir da análise de sua concepção política que a liberdade de pensamento constitui um dispositivo essencial para manutenção da paz no interior dos Estados. Além de desconstruir superstições ou fundamentações teológicas de política, Spinoza faz um defesa do regime democrático, concebido por ele como o mais natural e o que mais se aproxima da liberdade que a natureza concede a cada um. Os fundamentos do Estado em Spinoza evidenciam o fim último deste, que é libertar cada indivíduo do medo, para que possa viver em segurança e preservar seu direito natural a existir e agir. Assim para composição desta comunicação teremos como referência o *Tratado Político* (TP) e os capítulos XVI a XX do *Tratado Teológico-Político* (TTP). **Palavras-chave:** Política, Estado, liberdade.

DALILA MIRANDA MENEZES (dalila.filosofia@hotmail.com), Graduação (UVA) Orientador: Prof. Ms. João Edson Gonçalves Cabral (UVA). **A linguagem como expressão política do rebanho no pensamento de Nietzsche.** A pes quisa tem como proposta explicitar a crítica nietzscheana à linguagem como expressão política do rebanho. Para Nietzsche a sobrevaloração do intelecto humano está associada a uma autodiminuição do homem que lança mão da linguagem, em um movimento anexado à vida em rebanho. Em seu texto *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, Nietzsche indaga sobre a capacidade de o homem adquirir e produzir conhecimento. Segundo Nietzsche, é viável que o intelecto humano seja capaz de conhecimento, mas não de um conhecimento de fato no sentido de uma verdade que captura a estrutura ontológica subjacente à totalidade atribuído pela tradição filosófica clássica, mas como algo desenvolvido pelos homens de modo a compensar sua fragilidade diante da natureza. Assim, tentaremos estabelecer os contornos do movimento de dissimulação do lado trágico da vida, produzido pelo intelecto humano, no sentido de criar, pela linguagem, um conjunto de metáforas expressas pelas palavras, que nada correspondem ao real, mas sim a uma convivência em comunidade, isto é, em rebanho. **Palavras-chave:** Nietzsche, linguagem, rebanho.

DANIEL COSTA ARRUDA (danielcosta_arruda@hotmail.com) Filosofia (UECE/PIBIC), Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica da Sociedade, Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **Século XIX: o despertar do proletário.** Na presente comunicação, com base em estudos do caderno "a", movimentos sociais, e no expôse de 1935 do livro *Passagens* de Walter Benjamin, tem-se por objetivo demonstrar como se deu, segundo o autor aqui considerado, o desenvolvimento da consciência de luta de classes por parte do operariado francês no século XIX, explicando também a distinção entre materialismo antropológico e materialismo dialético, com destaque nos momentos de maior expressão destes durante a mais importante insurreição popular, em 18 de março de 1871,

realizada com base em ideais socialistas como uma forma de resistência a invasão Alemã. Procura-se também explicar a respeito da categoria "Despertar", expondo todo seu desdobramento, no que se refere à luta de classes, desde o momento em que se confundiam indignação moral e movimento revolucionário do proletariado até o ponto ápice de sua expressão, a Comuna de Paris, ao qual partilha verdadeiramente uma identidade com o próprio proletário. **Palavras-chave:** Despertar, proletariado, século XIX.

DANIELLE ARARIPE DIÓGENES (dani.diogenes@bol.com.br), Mestrado em Filosofia (UECE) Orientadora: Prof^a. Dra. Ilana Viana do Amaral (UECE). **Relação ética em E. Levinas.** A reflexão filosófica de E. Levinas é marcada pela interrogação sobre a ética. O esforço de responder ao problema que ele define como sendo o problema da relação com o "Outro", quando este é pensado como o "estranho", ou como "o estrangeiro", relação que Levinas caracteriza ainda como "proximidade" e que se determina como relação com a "exterioridade" ou com a "alteridade absoluta" responde a uma interrogação ética e filosófica muito própria ao seu tempo e à sua própria experiência com o século XX. A ética se apresenta para Levinas como "filosofia primeira" como esforço de desvendar a relação com o outro como "fundamento" da subjetividade ou da razão, apresentando-se assim como fundamento da própria consciência de si ou da consciência intencional. O que Levinas parece visar com esta idéia da relação com o inteiramente outro como fundamento da subjetividade é a destituição de um certo "império do mesmo" que caracterizaria a filosofia da subjetividade sem, entretanto, perder a liberdade correlata a este mesmo sujeito. O presente projeto pretende investigar como a reflexão de E. Levinas, cujo ponto de partida filosófico é a posição crítica diante das filosofias de Heidegger e da "subjetividade", conduz a sua reflexão da ética ou do acolhimento à linguagem, para fundar nessa relação de acolhimento pelo "eu puro" que se realiza na linguagem. **Palavras-chave:** Ética, linguagem, filosofia.

DAVI DA COSTA ALMEIDA (sukoirusso@gmail.com), Graduando em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa em Ética e Filosofia Social e Política. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha de Castro Callado (UECE). **Auschwitz e o paradigma ético a partir dos campos de concentração.** O objetivo do presente trabalho é apresentar o olhar ético a partir dos campos de concentração que são a máxima do totalitarismo e que representam um limite, um extremo com um objetivo, a “dominação total do homem”, e Giorgio Agamben, citando Hannah Arendt, nos deixa isso bem claro: “O totalitarismo (...) tem como objetivo último a dominação total do homem. Os campos de concentração são laboratórios para a experimentação do domínio total, porque, a natureza humana sendo o que é, este fim não pode ser atingido senão nas condições extremas de um inferno construído pelo homem”. Os campos criaram o não-homem que era chamado pelos próprios companheiros como muçulmano. Uma figura, não um homem. “O muçulmano” é o preso sem rosto que abdicou da luta, que não pode mais nem ser chamado de vivo nem de ter uma morte que mereceria esse nome. Figura da extrema desfiguração, o “muçulmano” é o não-homem que habita e ameaça todo ser humano, a redução sinistra da vida humana à vida nua”. Se o homem ultrapassar a barreira da sua própria humanidade, então, ele deixaria de ser humano para se tornar o inumano sem possibilidades para distinguir o que seria certo ou errado e, portanto, não poderíamos falar de uma fundamentação ética. Os campos de concentração fizeram isso, transformaram os homens numa espécie de não-homem. “Antes de ser o campo da morte, Auschwitz é o lugar de um experimento ainda impensado, no qual para além da vida e da morte, o judeu se transforma em muçulmano, e o homem em não-homem”. **Palavras-chave:** Muçulmano, homem, não-homem.

DEBORA KLIPPEL FOFANO (deborafofano@hotmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE/CAPES), Grupo de Pesquisa em Ética e Direitos Humanos. Orientador: Prof. Dr. João

Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **A arte em Schiller.** A motivação de Schiller (1759-1805) para adentrar um caminho tão “ousado” na discussão sobre a estética não é apenas uma preocupação teórica com a sistemática kantiana, mas, num primeiro momento, trata-se de esclarecer os fundamentos teóricos e os princípios práticos dos seus empreendimentos artísticos e literários. Após as questões levantadas pelo jovem Schiller, o mesmo passa por um período de introspecção e leitura que o permitem levantar novos questionamentos, agora de caráter filosófico. No desenvolver de suas obras, Schiller apresenta uma vivacidade que transpassa todos os campos de atividade de um pensar reflexivo, corroborado de maneira prática na totalidade de sua produção artística e literária, expressão máxima de sua estética; justamente o objetivo de investigação dessa pesquisa, que pretende demonstrar que o fundir de todas essas idéias numa nova dinâmica, é uma das principais características de Schiller, ele reorganiza o cenário filosófico da estética, deslocando diversos conceitos, redefinindo o panorama em que era inserida a filosofia da arte, e somente um autor como Schiller, poderia conceber tal reformulação, pois ele vivia a experiência artística todos os dias nas suas criações, sabia identificar cada conceito, não somente de maneira aproximada pois era ele próprio o artista de sua criação. **Palavras-chave:** Estética, ética, reflexão.

DEYVISON RODRIGUES LIMA (deyvisonrodrigues@yahoo.com.br), Mestrado em Filosofia (UFC/CNPq), Grupo de Pesquisa: Política e Contemporaneidade. Orientador: Prof. Dr. José Maria Arruda (UFC). **O debate entre realismo e anti-realismo em ética.** O objetivo desta pesquisa é trazer o debate sobre a existência dos Universais para a Ética. O problema de fundo é saber se fatos morais existem, isto é, analisar a distinção entre fatos e valores, investigar se fatos morais podem ser antes do mundo e, por conseguinte, determinar o estatuto ontológico dos enunciados normativos. Trata-se do problema da objetividade dos enunciados normativos em torno da dis-

cussão da metafísica contemporânea entre Universais e Particulares. O debate na esfera ética problematiza a inclusão de entidades ontológicas tais como fatos morais. Dizer “isto é vermelho”(1) é estruturalmente distinto de afirmar “isto é obrigatório”(2). O comprometimento ontológico com algum tipo de entidade abstrata, não-física e não-mental marca os diversos platonismos, enquanto que os nominalistas não assumem Universais para explicar aspectos semânticos das proposições. A proposição (1) tem seu valor de verdade se for o caso, ou seja, se de fato, isto é vermelho; já a proposição (2), ou é uma proposição empírica que descreve um determinado estado de coisas ou corresponde a algum objeto não natural que a torna válida como verdade. A questão fundamental é o que no mundo faz os enunciados normativos terem valor de verdade. **Palavras-chave:** Realismo, enunciados normativos, ontologia da norma.

DIEGO FRANK MARQUES CAVALCANTE (dis-lap@bol.com.br), Mestrado em Sociologia (UFC/FUNCAP). Orientador: Alexandre Fleming (UFC). **Solidariedade e espírito de rebanho: A problemática da moral em Nietzsche e Durkheim.** A problemática da moral encontrou eco em boa parte das obras Nietzsche e Durkheim. Estes autores apresentam esquemas perceptivos que nos levam a oscilar entre uma solidariedade que produz coesão e um “espírito de rebanho” que encarcera a “vontade de potência”. Para Durkheim, a moral é pressuposto *sine qua non* para a experiência social. Esta se dá no bojo da interdependência entre os indivíduos produzindo solidariedade, interiorizando e reproduzindo valores. Assim, a moral “advém” da multiplicidade dos indivíduos, mas está, por assim dizer, para além deles. Configura-se uma coação que leva os indivíduos a deixarem de atender a “desejos” particulares em favor dos coletivos. Para Nietzsche, a moral é pensada a partir de relações de poder, das quais valorações dominantes constroem noções de “bem” e de “mal” que são interiorizadas e reproduzidas asceticamente. O “espírito de rebanho”, em sua política de conservação e temor ante

“experiências não codificadas”, garante o retorno de um devir-reactivo que caracteriza a “dominação” pela moral. Assim, se para Durkheim a moral é condição de uma sociedade “estável”, para Nietzsche ela é antes a de mediocridade que “consola” os espíritos enfermos. **Palavras-chave:** Nietzsche, Durkheim, moral.

ELAINY COSTA DA SILVA (elainycosta@uol.com.br), Mestrado Acadêmico em Filosofia (UECE/CAPES), Grupo de Pesquisa A questão da liberdade na *Ética* de Benedictus de Spinoza. Orientador: Prof. Dr. Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso (UECE). **Os Atributos de Deus na Parte I da Ética de Benedictus de Spinoza.** A noção de atributo na filosofia de Spinoza nada tem haver com o sentido lógico de predicado, ou seja, aquilo que se afirma ou nega de um sujeito, mas possui um sentido metafísico, ou melhor, é a determinação de uma propriedade essencial da Substância. Segundo Spinoza, os atributos são determinações constitutivas e absolutas, sem as quais certas propriedades não poderiam ser relacionadas a Deus. Logo, atributo é o que constitui a essência pela qual a Substância é efetivamente uma substância e é reconhecida como tal pelo intelecto, isto é, o atributo é o princípio ontológico da Substância, pois constituem sua realidade, e o princípio de inteligibilidade porque a faz conhecer como tal. A primeira manifestação da Substância ocorre a partir dos seus atributos, que são apresentados na definição IV da Parte I da *Ética*. Estes constituem a essência da Substância e simultaneamente permite que a conheçamos. Portanto, fica evidente que os atributos são um meio pelo qual conhecemos a Substância e que constitui a mesma. Porém, dos infinitos atributos da Substância, Spinoza destaca dois “o pensamento e a extensão” visto que, através deles os homens podem conhecer Deus. **Palavras-chave:** Atributos, substância, Spinoza.

ELIVANDA DE OLIVEIRA SILVA (elivandapaz@yahoo.com.br), Graduada em Filosofia (UFC/PIBIC-CNPQ), Grupo de Pesquisa: Natureza e política: a biopolítica na filosofia contemporânea. Orientador: Prof. Dr. Odílio

Alves Aguiar (UFC). **Totalitarismo: da política à biopolítica?** O objetivo da comunicação é analisar o totalitarismo como categoria biopolítica em Hannah Arendt. Analisaremos os elementos trabalhados por Arendt, como campos de concentração, terror, domínio total, labor, entre outros, a fim de compreender o totalitarismo como nova forma de poder que se estabelece pelo controle da vida. Biopolítica é o modo como a vida biológica passou a constituir o centro da política. Essa introdução da vida nua na política, isto é, a vida pensada em sua dimensão funcional e biológica pode ser analisado em Arendt, a partir da ascensão do *animal laborans* ao centro do palco político. Tal processo determinou a perda do sentido da política, como também está relacionado com o horror dos governos totalitários, uma vez que o mundo enquanto interesse comum foi substituído pelo cuidado da vida. A política passou a ser concebida como a instância de promoção, felicidade e garantia dos interesses vitais do *animal laborans*. A transformação do espaço público pelo *animal laborans* e a ausência de ação política fez surgir o totalitarismo como nova forma de governo, que reduz os homens a meros seres viventes, principalmente no que concerne a naturalização da vida, dada em sua forma mais pavorosa nos campos de concentração. **Palavras-chave:** Hannah Arendt, totalitarismo, biopolítica.

ELVIRA ROSA GUIMARÃES PALMERIO (elvirarosa@gmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha de Castro Callado (UECE). **O conceito aristotélico de “vida boa” integrado à perspectiva ética de Paul Ricoeur.** Na obra *O si-mesmo como um outro*, Paul Ricoeur busca descrever uma ética em cujo escopo inclui a moral, articulando entre si, preponderantemente, os conceitos de ética aristotélica e de moral kantiana. Dividida em estudos, é do sétimo ao nono estudos que é demonstrada a viabilidade de sua perspectiva ética, tomando como eixo fundamental a simultaneidade da perspectiva de “vida boa”, “com e para os outros”, “nas instituições justas”. Aqui, buscou-se compreender a apro-

priação ricoeuriana do “visar à vida boa” em Aristóteles. Questionando tal conceito, Ricoeur alerta que em Aristóteles, o que se conhece são os meios que podem servir à consecução dos fins e estes são passíveis de escolha e de deliberação e têm a prudência como condutora. Considerando tal conceito inacabado, Ricoeur o dá como resolvido por meio da introdução da idéia de planos de vida. Verifica-se conclusivamente, que o autor procura demonstrar que a ação contém em si o componente teleológico imanente, que ali está constitutivamente, e explica o em si de ser boa a ação, a inclinação de toda a ação para o bem, onde a capacidade é intrínseca, a efetuação é deliberativa e voluntária, mediada na relação entre prática e plano de “vida boa”. **Palavras-chave:** Ética, ação, boa.

ERIKA BATAGLIA DA COSTA (erikabataglia@hotmail.com), Mestrado (UFC/CAPES), Grupo de Pesquisa: Ética e Política. Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Aparecida Montenegro (UFC). **A *techné* política no corpus platônico.** A filosofia platônica pode ser compreendida como uma tentativa de refundação da ação e do conhecimento motivada pela degradação político-institucional posta em cena pelo novo *ethos* democrático. A relativização radical das perspectivas conjugada a uma pluralidade de opiniões que se confrontam em busca de adesão desenham um cenário agonístico incompatível com a reta e socialmente responsável deliberação estatal. Impõe-se a articulação de critérios capazes de limitar a privatização do espaço público. Para tanto, Platão põe em curso uma profunda conversão da política em *techné* cujo conteúdo cognitivo deve outorgar ao político um saber competente e reservado. Trata-se de submeter o Estado ao império da teoria que desvela o domínio primacial de geração do cosmos, e, portanto, da própria sociedade e do Estado. Com isto asseguram-se os vínculos do estadista a um absoluto axial e epistêmico capaz de tornar exclusiva a uma elite espiritual a prática do poder. Desse modo, é satisfeita a exigência de domínio competente e universalmente fundado que caracteriza a noção de *techné*. **Palavras-chave:** *Techné*, política, Platão.

ERIKA GOMES PEIXOTO (erikekalivre@gmail.com), Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: HEGEL. Orientadora: Profª. Drª. Marly Carvalho Soares (UECE). **A educação para além do capital: um estudo comentado da obra de István Mészáros.** O presente trabalho vai apresentar o texto “A Educação para além do capital”, de István Mészáros, que compõe um dos capítulos da sua obra *Para Além do Capital*. Mészáros inicia afirmando que uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a transformação do quadro social no qual as práticas educacionais estão inseridas. E para ele, as tentativas de reformas educacionais formais, por mais progressistas que sejam sempre podem ser cooptadas pela lógica do capital. Para romper a lógica do capitalismo é preciso alteração fundamentalmente o sistema de Interiorização e todas as suas dimensões. Esse rompimento deve se dar de forma positiva, ou seja, substituir as formas interiorização por uma alternativa concreta ao sistema. Para Mészáros, as alternativas às práticas educacionais do sistema “não podem ser formais, elas devem ser essenciais”. Em outras palavras, elas devem abarcar a totalidade da educação na sociedade estabelecida. Enfim, Mészáros nos conclama a necessidade real de uma educação para além do capital. **Palavras-chave:** Capital, Mészáros, educação.

ERIVÂNIA DE MENESES BRAGA (erivaniabraga@yahoo.com.br), Graduação em Filosofia (UECE/Monitoria). Orientador: Prof. Dr. Emanuel Ângelo da Rocha Fragos (UECE). **O estranhamento como processo histórico-social em Györg Lukács.** A problemática central que perpassa a tematização de Lukács acerca da categoria do estranhamento é que ele não é um fenômeno de estranhamentos, no decorrer do devir-humano, contribui então para o natural e sim um fenômeno social, por conseguinte pode e deve ser superado; e que a luta para se superar determinadas formas de desenvolvimento do eu não-mais-particular, para o desenvolvimento do gênero humano em direção ao seu para-si, enfim, para a supera-

ção do gênero mundo. Como o estranhamento é uma categoria histórica, segue-se então que “em cada formação e em cada período encontra-se *ex novo* posto em movimento pelas forças sociais realmente operantes”. Estas forças, embora partam de decisões alternativas individuais são sempre orientadas pelo social. Dessa forma o processo de humanização realiza-se por duas vias autônomas. Logo, tanto a generidade em-si como a para-si devem ser levadas em conta nesse processo do devir-humano, dado que, a partir da singularidade e de sua elevação ao não-mais-particular é que possibilita tal realização deste processo, sem esquecer, no entanto, que o ato individual sobretudo tem um peso muito grande nesta relevância, porém sempre relacionado com o social. **Palavras-chave:** Estranhamento, alienação, objetivação.

ESTENIO ERICSON BOTELHO DE AZEVEDO (estenioazevedo@usp.br), Doutorado (USP/CAPES), Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica (UECE). Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Arantes (USP). **Vida nua e sociedade civil-burguesa: um diálogo entre Agamben e Marx.** Segundo Giorgio Agamben, a política contemporânea se caracteriza pela ampla manifestação da vida nua. Para ele, o Estado de exceção é a experiência política na qual se expressa esta ampliação e na qual a vida nua se põe como objeto do poder soberano. Mas a vida nua não é senão o fundamento deste – e produzido por este – poder soberano, e como tal aparece destituída de qualquer forma jurídico-política. Mas qual é o fundamento desta experiência contemporânea na qual a vida nua aparece como o próprio fundamento do Estado e da Soberania? Partindo de uma apresentação da relação entre vida nua e forma de vida, esta comunicação procura destacar a perspectiva agambeniana, relacionando-a às reflexões marxianas sobre a dupla existência dos indivíduos na sociedade moderna: cidadão (membro do corpo político) e simplesmente homem (partícipe da sociedade civil-burguesa). Na perspectiva de Marx, é própria à experiência moderna a cisão entre o homem e o cidadão, cisão que Agamben pensa sob as categorias de vida nua e

forma de vida. Em Agamben é a vida nua que se constitui no fundamento da experiência política moderna, em Marx este fundamento é a sociedade civil-burguesa, na qual o indivíduo aparece como simplesmente homem. **Palavras-chave:** Vida nua, sociedade civil-burguesa, Estado.

EUZA RAQUEL DE SOUSA (euzaraquel.sousa@yahoo.com.br), Mestrado Acadêmico em Filosofia (UECE/FUNCAP). Grupo de Pesquisa em Metafísica e Estética. Orientador: Prof. Dr. Exedito Passos (UECE). **Maquiavel e Guicciardini: a História como questão.** A presente comunicação reflete sobre a relação entre o pensamento de Nicolau Maquiavel (1469-1527) e de Francesco Guicciardini (1483-1540) quanto à utilidade da História. Nos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* [1513-1517], Maquiavel defende a importância do conhecimento histórico para a compreensão do político. Segundo ele, os conhecimentos dos exemplos históricos possibilitam ao homem a oportunidade de descobrir a melhor forma de agir ante os problemas da vida. Nas *Considerazioni Intorno ai Discorsi del Machiavelli* [1530], se encontra, por sua vez, uma importante questão do pensamento guicciardiniano, a saber, a relação dos homens com o aprendizado do passado, isto é, com a História. Em tais formulações, Guicciardini critica a utilização dos exemplos ao lidar com o presente. Para ele, o uso do exemplo histórico parece problemático, em virtude de inúmeras particularidades que não se repetem na história. Por isto, Guicciardini critica o juízo do futuro com base no estudo da história, embora, ele ainda reconheça uma certa importância no conhecimento pragmático da história. Guicciardini critica, portanto, a concepção maquiaveliana da História. Daí a importância de se refletir sobre a questão da História na crítica de Guicciardini a Maquiavel. **Palavras-chave:** Política, renascimento, história.

EVA MARIA GOMES SOARES ARNDT (eva_arndt@hotmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE/FUNCAP), Grupo de Pesquisa Ética e Política. Orienta-

dor: Prof. Dr. Eduardo Triandópolis (UECE). **Locke, Conhecimento e Moral.** Locke, no *Ensaio Acerca do Entendimento Humano*, revela que o motivo que deu início a esta obra foi a compreensão de que ao homem não diz respeito conhecer todas as coisas, mas apenas às que se referem a sua conduta. Para o alcance de tal objetivo inicialmente sustenta a tese de que no conhecimento não comporta a ideia de certos princípios inatos, nem certas noções primárias, caracteres; os quais estariam estampados na mente do homem, cuja alma os recebera em seu ser primordial e os transportara consigo ao mundo. Para ele, todos os nossos princípios tanto especulativos como práticos são resultados da experiência e da reflexão. A partir dessa tese Locke passa a analisar a forma pela qual a mente humana recebe todas as ideias. Ele as divide em ideias simples e complexas. Este trabalho tem como objetivo abordar de que forma Locke a partir das ideias complexas vai considerar a moral como ciência capaz de demonstração, bem como as razões pelas quais a sociedade cria e estabelece princípios morais. **Palavras-chave:** Conhecimento, ideias complexas, moral.

EVANIELE ANTONIA DE OLIVEIRA SANTOS (evaniele_oliveira@hotmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE/CAPES), Grupo de Pesquisa: Tópica Viquiana. Orientador: Prof. Dr. José Exedito Passos Lima (UECE). **O Senso Comum em Giambattista Vico.** O ponto de partida desse trabalho reenvia ao primado do senso comum no interior dos conceitos viquianos referentes à gênese do mundo civil das nações. Nisso podemos notar que *A ciência nova*, de Giambattista Vico (1668-1744), além de tratar uma série de questões relacionadas a uma herança clássico-humanista, deixa transparecer uma sutil resposta à recepção napolitana em relação às ciências matematizantes que, sob a sombra de Descartes, inquietou o âmago filosófico e científico do nosso autor. Para a realização dessa comunicação adotam-se os seguintes objetivos: apresentar o lugar da sabedoria poética na *A ciência nova* de Vico e que tipo de relação articula com o senso comum e a civildade.

Sendo assim, a metodologia a ser utilizada pressupõe uma reflexão sobre o desenvolvimento da filosofia moderna em que se destacam os elementos da vida civil, da história e da racionalidade. Nesse sentido adota-se um procedimento crítico em relação aos rumos tomados pela racionalidade e pela experiência civil mediante a análise da obra mestra do nosso autor. Tendo em vista o que foi exposto temos que a obra *A ciência nova* apresenta um diagnóstico das transformações ocorridas no âmbito da cultura posteriormente a certa orientação racionalista da Filosofia e a sua incisiva influência na experiência civil das nações anunciando os possíveis riscos a faculdades como engenho, imaginação e fantasia. **Palavras-chave:** Vida Civil, sabedoria poética, cultura.

EVERTON DE OLIVEIRA BARROS (evertonoliveira2@yahoo.com.br), Graduação em Filosofia (UECE/FUNCAP), Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Rodrigues da Costa (UECE). **Os conceitos puros do entendimento na Lógica Transcendental.** Immanuel Kant (1724-1804) em sua obra *Crítica da razão pura* (1781) ao referir-se à Analítica dos Conceitos enquanto capítulo da Lógica Transcendental admite ser importante conhecer por conceitos, uma vez que estes não pertencem à intuição, nem à sensibilidade, mas ao entendimento enquanto conhecimento a priori. O uso puro do entendimento será tarefa da filosofia transcendental. Esta, por sua vez, tem a obrigação de fundamentar conceitos segundo um princípio, por brotarem do entendimento numa unidade absoluta. Note-se que a Lógica Transcendental, além de nos ensinar reduzir a conceitos a síntese pura das representações, irá também defrontar-se com um diverso da sensibilidade a posteriori apresentada na Estética Transcendental. Permitirá assim uma matéria aos conceitos puros do entendimento sem a qual essa mesma lógica seria destituída de conteúdo, ou seja, completamente vazia. Nesse sentido, pretende-se com essa comunicação, tecer um estudo da tábua das categorias postas pelo autor ao admitir considerações oportunas em relação à forma científica de todos os conhecimentos racio-

nais. Com efeito, na parte teórica da filosofia, esta tábua será indispensável, haja vista conter a lista completa dos conceitos elementares do entendimento humano. **Palavras-chave:** Entendimento, categorias, Lógica.

FÁBIO ROCHA TEIXEIRA (fabiort@usp.br), Doutorado (USP/FAPESP), Grupo de Pesquisa: Ruptura e continuidade: investigações sobre a relação entre natureza e história a partir de sua formulação pelo grande racionalismo seicentista. Orientadora: Dra. Olgária C. F. Matos (USP/UNIFESP). **Leopardi ante o fim do antigo ethos: uma reflexão sobre a modernidade no Discurso de 1824.** O *Discorso sopra lo stato presente dei costumi degl'italiani*, de Giacomo Leopardi (1798-1837), pertence à história de um gênero literário empenhado em descrever as características nacionais de um povo. Tornou quase obrigatório entre as classes intelectuais européias, nos séculos XVII e XVIII, tal gênero se apresentou também em vários escritores italianos. Nestas considerações sobre os costumes dos italianos, estava ausente ainda a potência do olhar filosófico: algo fundante em Leopardi, dada a singularidade e a grandeza do seu *Discorso*. O valor do *Discorso* leopardiano, para além do testemunho particular das suas experiências cotidianas, reside no olhar, quase estrangeiro, de sentido histórico, antropológico, político e filosófico, ante o seu povo e o seu tempo. Deste olhar resultam graves considerações, não apenas por expor o atraso econômico, político-social e cultural italiano em relação às demais nações européias, mas também por denunciar o processo civilizatório moderno como declínio do antigo ethos que antes possibilitava o viver civil, mediante ideais ou fantasias comuns, como virtude, heroísmo, pátria. Depois dos avanços de uma racionalidade desmedida, no lugar de tais fantasias restou o vazio, e nada há de se esperar senão que a sociedade moderna seja remédio de si mesma. **Palavras-chave:** *Ethos*, povo, sociedade.

FILIPE CALDAS OLIVEIRA PASSOS (xfilipep@hotmail.com), Graduado em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa em

Estética e Retórica. Orientadora: Prof^a. Dra. Cristiane Maria Marinho (UECE). **Miguel Reale: a filosofia do direito enquanto teoria tridimensional e dialética da polaridade.** A presente comunicação tem como objetivo expor, em linhas gerais, o pensamento filosófico de Miguel Reale, sobretudo, no que diz respeito às inovações por ele desenvolvidas no campo específico da Filosofia do Direito. Tais inovações referem-se aos estudos que o conduziram na realização de uma teoria tridimensional capaz de interpretar a complexidade do fenômeno jurídico, por ele denominada "teoria tridimensional e dialética da polaridade". Para tanto, empregou-se, como principais fontes de pesquisa, os dois volumes da obra intitulada *Filosofia do direito*, de Miguel Reale, bem como, os livros *Problemática do culturalismo* e *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*, de Antônio Paim. Miguel Reale é um dos maiores intelectuais que já existiram em terras brasileiras. Herdeiro de uma corrente de pensamento culturalista fundada por Tobias Barreto e seus companheiros da Escola do Recife, Reale faz uma rica abordagem do fenômeno cultural da experiência jurídica, tratando-o de acordo com um paradigma tridimensional que, por sua vez, tem suas origens nos epígonos da filosofia neokantista europeia, tais como Emil Lask e Gustav Radbruch. É precisamente a teoria jurídico-filosófica desenvolvida por Miguel Reale a partir do referido paradigma tridimensional neokantista que constitui o tema desta comunicação. **Palavras-chave:** Neokantismo, culturalismo, teoria tridimensional.

FRAN DE OLIVEIRA ALAVINA (ffilosofia@hotmail.com), Graduação em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa em Metafísica e Estética. Orientador: Prof. Dr. José Expedito Passos Lima (UECE). **Ethos e Pathos: herança ético-antropológica na Oratio de Pico della Mirandola.** A *Oratio de Hominis Dignitate* (1486), é tida tradicionalmente como a obra mais importante de Pico della Mirandola (1463-1494) e também expressão viva do encontro das diferentes orientações que se encontraram no Renascimento italiano. A obra foi constituída como apologia ao projeto de Pico da

multiplicidade de vias e convergência de tradições, portanto deveria responder as dúvidas suscitadas pela apresentação das *Conclusiones Nongentae* (1486). Valendo-se de tais pressupostos pode-se indagar: haveria na *Oratio* a presença de elementos retóricos possibilitadores da constituição do discurso? Objetivando responder a tal questionamento o presente trabalho propõe um excursão na *Oratio* a fim de identificar a presença de elementos oriundos da retórica clássica, entre eles o de *ethos* e *pathos*. Tais elementos possibilitariam a construção de um discurso sobre o ético em relação com a integralidade antropológica do homem. Daí se afirmar que o discurso de Pico sobre o homem porta questões éticas e é herdeiro quer da tradição filosófica, o conceito de livre arbítrio, quer de outras fontes como a retórica, a poética e a teologia. **Palavras-chave:** *Ethos*, *pathos*, tradição retórica.

FRANCISCA GALILÉIA PEREIRA DA SILVA (soeudaimonia@hotmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE/CAPES), Grupo de Estudos em Filosofia Medieval (GEFIM). Orientador: Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen (UECE). **O agir humano segundo Al-Farabi.** Sem dúvida, uma das questões fundamentais que a Filosofia propõe refletir é a compreensão da natureza e fim do homem. No pensamento farabiano, é possível perceber o papel de destaque conferido ao homem, tendo, em meio às reflexões por ele elaboradas, uma perceptível influência de Aristóteles. Envolvido pelas idéias aristotélicas, o *Segundo Mestre*, ao passo que estabelece a felicidade como o fim supremo do homem, pondera a respeito do intelecto humano e da relação existente entre alma e corpo, na qual é válido destacar a grande colaboração das idéias neoplatônicas. Buscando meios para a conquista da felicidade e verificando que é pela faculdade racional que o homem pode estabelecer normas adequadas para tal fim, Al-Farabi estabelece que é a ciência política a ciência principal na elaboração de uma investigação ou compreensão da natureza humana. Seguindo nesta proposta, pretendemos argumentar, principalmente com a obra O caminho da felicidade, acerca do agir humano e dos

meios pelos quais se pode afirmar que uma ação é boa ou não tendo como parâmetro a possibilidade de, por meio dela, o homem obter a perfeição. **Palavras-chave:** Al-Farabi, homem, felicidade.

FRANCISCO ANSELMO LEÃO DA SILVA (anselmo.leao@gmail.com), Mestrando em Filosofia (UECE/CAPEs), Grupo de Pesquisa Metafísica e Estética. Orientador: Prof. Dr. José Expedito Passos Lima (UECE). **A formação civil como uma das propostas da Retórica: a filosofia prático-política de Cícero.** Marco Túlio Cícero imortalizou-se como um dos maiores representantes da cultura latina, e também pela notável carreira política ao ocupar vários cargos políticos relevantes no império romano. Sua contribuição à filosofia ainda não é, porém, reconhecida no mundo acadêmico contemporâneo. Ao estudar Retórica na Grécia, Cícero incorpora, em seu pensamento, a necessidade de saberes práticos à vida pública. A Retórica, para este pensador, não se limitaria apenas à arte de persuasão, pois se trata também uma proposta ética, pedagógica e política que visa a vida comum como imprescindível à convivência social. A Retórica ciceroniana remonta à proposta grega de educação como formação geral (*Paidéia*). No livro I da *República* e também naquele *Dos Deveres* Cícero usa vários argumentos para defender a necessidade da responsabilidade de todos os membros para a manutenção da vida comum. Segundo este pensador, a vida social não deve ser confiada apenas ao imperador ou ao senado, mas a todos os indivíduos que compõem a vida social. Lições que alguns pensadores da Renascença redescobriram com o humanismo civil ao visitar as obras de Cícero. A presente comunicação busca apresentar como a Retórica ciceroniana atende à formação de indivíduos capazes de atuarem na vida pública e, com isso, desenvolver a capacidade de “socorrer a República” quando esta necessita de cuidados. **Palavras-chave:** Retórica, formação civil, vida pública.

FRANCISCO BRUNO PEREIRA DIÓGENES (brunochicobruno@hotmail.com), Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica da Sociedade. Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **Giorgio Agamben e a tanatopolítica do nazismo.** Segundo a reflexão de Giorgio Agamben, os grandes Estados totalitários do século XX são representantes de uma nova biopolítica planetária. O Estado de exceção, e os Campos que nele se abrem, representam verdadeiro paradigma que sustenta a estrutura jurídico-política do tempo presente. Nesta comunicação será dada ênfase maior no que se refere à biopolítica nazista, isto é, à política de extermínio realizada pelo Terceiro Reich. Para Agamben, é possível e necessário compreender os eventos do nazismo no contexto da Biopolítica, com todas as suas implicações éticas e significado histórico. Passando por discussões acerca do direito romano, medieval e contemporâneo, por questões políticas referentes ao poder soberano e às grandes ditaduras do novecentos, o autor termina com uma discussão ética que intenciona criticar as bases das éticas tradicionais e contemporâneas. Sua tese é de que a Ética tem origens jurídicas que a poluíram, e das quais é preciso libertá-la. O biopoder soberano, nesse momento histórico, conflui seu papel com vários setores sociais, com ele, o médico, o juiz, o sacerdote e o cientista se indistinguem na decisão do poder que agora visa à morte de seus súditos. Portanto, assim posta, pode-se agora chamar a biopolítica de verdadeira tanatopolítica. **Palavras-chave:** Biopoder, campos, tanatopolítica.

FRANCISCO DAVID DE OLIVEIRA ALMEIDA (davidoda@hotmial.com), Graduação em Filosofia (UECE). Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **A teoria dos contrários como argumentação para a reflexão sobre a imortalidade da alma no Fédon de Platão.** Sócrates apresenta três argumentações centrais no *Fédon* no tocante à reflexão sobre a imortalidade da alma. A chamada teoria dos contrários é exposta no intuito de fundamentar a alma como realidade nela mesma. A teoria

dos contrários tem suas implicações diretamente apontadas para o entendimento da *psykhê* imortal, pois, Sócrates a expõe para, mais uma vez, afirmar a existência da *psykhê* em si e por si como atividade real e com a capacidade de pensar. O filósofo tenta, o quanto lhe é possível, ter o conhecimento da verdade, através do exercício da reflexão da alma em si e por si. Este exercício nada mais é do que o conhecimento que a alma tem de si mesma, realidade imortal. O contrário é apresentado como algo eidético que predica algumas coisas contrárias. A alma é vida imortal e indestrutível e, no tocante à linguagem e à compreensão, “necessita” do seu contrário, da morte, para ser pensada enquanto tal. A alma contém a vida, e a vida é o contrário da morte, logo, a alma não podendo receber, nem aceitar o que lhe é contrário, torna-se, do ponto de vista da compreensão, imortal. **Palavras-chave:** Imortalidade, contrariedade, pensamento.

FRANCISCO IVERLANIO FROTA (iverlanio@bol.com.br), Mestrado em Filosofia (UFC/FUNCAP), Grupo de Pesquisa em Filosofia Política. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Chagas (UFC). **O projeto de emancipação humana em Karl Marx.** No livro *Questão Judaica*, Marx analisa a tese de Bruno Bauer, um hegeliano de esquerda que reivindicava o Estado moderno liberal, para propor o conceito de Emancipação Humana. Bauer faz uma crítica aos judeus na Alemanha que lutavam por emancipação do seu povo. O que sugere Bauer é que estes deveriam lutar como alemães, pela emancipação política da Alemanha; e, como homens, pela emancipação da humanidade. Marx dirá que a emancipação política representa, sem dúvida, um grande progresso; mas não constitui a forma de libertação do ser humano. A emancipação política é a redução do homem a membro da sociedade civil, indivíduo independente e egoísta. Na obra *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, Marx aborda a possibilidade da realização da emancipação humana através da síntese entre a teoria filosófica, dada como a força capaz de apossar das massas, e o proletariado, como representante necessário a prática para consu-

mação da emancipação do homem. As duas obras servem de parâmetro metodológico; tendo como objetivo, o Projeto de Emancipação Humana em Karl Marx. **Palavras-chave:** Emancipação humana, sociedade civil, Estado.

FRANCISCO JOSÉ ASSUNÇÃO DA SILVA (fjassuncao@bol.com.br), Graduação em Filosofia (UECE/PROVIC), Grupo de Pesquisa Walter Benjamin e a Filosofia Contemporânea. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilana Viana do Amaral (UECE). **Homem e modernidade em Baudelaire.** Charles Baudelaire (1821-1867), poeta, crítico de arte ferrenho do século XIX, precursor do simbolismo francês, famoso pelo seu escrito *As Flores do Mal* e por influenciar o pensador alemão Walter Benjamin no que se refere a uma análise crítica da sociedade, dos movimentos artísticos e da arte, pois a arte e uma manifestação especificamente da contingência do homem. Analisaremos o seu ensaio Sobre a modernidade (1859) onde Baudelaire analisa a produção artística de seu contemporâneo Constantin Guys (1805-1892) desenhista, aquarelista e gravador ao qual se refere simplesmente como G. durante todo o texto devido a postura crítica do próprio artista que assinava ou quando assinava suas obras com um simples G. facilmente falsificável. Baudelaire se refere à Constantin Guys como um homem do mundo devido às suas viagens como retratista de guerra e à capacidade de retratar em suas obras quase de um único relampejo, resgatando da memória as imagens que imprimia em seus croquis tentando aprisionar o fantasma em sua obra isto se deve por seu estado de convalescença ou infância redescoberta capacidade de se colocar em estado de êxtase diante do que novo o percebendo em suas minúcias. Objetivo desta comunicação é expor como Baudelaire vê como *aisthesis* do homem na modernidade na ditas artes menores: moda, maquiagem, croquis e as gravuras. **Palavras-chave:** Modernidade, homem, artes menores.

GEOVANI OLIVEIRA (dostoevski10@bol.com.br), Mestrado em Filosofia (UECE). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilana Viana

do Amaral (UECE). **Os subterrâneos de Dostoievski: Existência, fragmentação e polifonia.** Temos como intuito, nesta comunicação, apresentar a obra *Memórias do subterrâneo* do escritor russo Fiodor Dostoievski demonstrando-a como aquela que esboça questões centrais do pensamento do mesmo, e a que inaugura a discussão sobre a fragmentação que mais tarde será entendida por Bakhtin como polifonia e que será bastante cara ao pensamento contemporâneo e a filosofia da existência. No mesmo ensino anunciá-la como a obra que revela o próprio subterrâneo ou subsolo da consciência que se dissolve – fragmenta-se – perante o estado de indeterminação do sujeito condicionado à verdade estabelecida pela ciência que conduz o homem ao conflito subjetivo. Ora, o homem do subsolo nega a verdade estabelecida pela ciência e, mesmo se reconhecendo impotente, se debate no murro desta verdade como enfrentamento a perda de sua autonomia perante o racionalismo e toda ciência que determina e define o homem. Assim sendo, como forma de cumprir com o objetivo aqui proposto, analisar-se-á tal obra tomando como eixo central da leitura a compreensão de existência, fragmentação e, por último, a polifonia – e aqui inserimos uma discussão sobre Bakhtin, pois foi este quem vislumbrou tal conceito na literatura dostoievskiana. Portanto, tomar esta discussão nesta obra e o encaminhamento a essas discussões e suas problemáticas compõe o intuito fundamental desta comunicação. Esperamos de tal intento oferecer algumas reflexões sobre este pensador e situá-lo como aquele que inaugura questões capitais a contemporaneidade.

Palavras-chave: Existência, fragmentação, polifonia.

GRACIELLE NASCIMENTO COUTINHO (gracielle_coutinho@hotmail.com), Mestrado Acadêmico em Filosofia (UECE/CAPES), Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos em Filosofia Medieval (GEFIM). Orientador: Prof. Dr. Jan Gerard J. ter Reegen (UECE). **Do belo sensível ao Belo Inteligível: considerações estéticas em Agostinho de Hipona e Plotino.** O contraste entre o mutável e o imutável, na filosofia de Plotino – indubitavelmente uma herança

de Platão –, é incorporado nas discussões filosófico-teológicas de Santo Agostinho onde, revestidas pela doutrina cristã, recebem uma nova conotação. O mundo sensível, cujas realidades se apresentam à mente humana em um espetáculo tão efêmero que esta mal pode captar e, ao mesmo tempo, com certa intensidade e permanência que por si mesmas não poderiam possuir, remete-nos à consideração de uma instância elevada, transcendente na qual a materialidade tem seu ser e beleza. Ora, a noção de um mundo verdadeiro, no qual reside a razão de ser de todas as coisas materiais, confere a estas um aspecto de “carência”. A possibilidade defendida por Plotino de o homem retornar ao Inteligível em um movimento ascensional do que é menos perfeito à perfeição de que emana, traz-se em um “voltar-se para dentro de si mesmo” como fonte de retorno à unidade originária. Não obstante, este mesmo movimento ascensional que, antes de tudo, é introspectivo, está presente também no pensamento de Agostinho como condição de possibilidade para que o homem possua a Deus e se torne feliz. Com efeito, este trabalho visa discutir acerca da influência de Plotino na construção de uma metafísica da interioridade em Santo Agostinho, a partir de uma reflexão estético-epistemológica da contemplação.

Palavras-chave: Conhecimento de si, Deus, Belo Inteligível.

HÁLWARO CARVALHO FREIRE (halwarocf@yahoo.com.br), Graduação em Filosofia (UFC). Orientador: Prof. Dr. Kleber Carneiro Amora (UFC). **A construção de esquemas transcendentais e das Idéias da Razão em Kant.** O trabalho tem como principal intuito mostrar a importância dos esquemas como produtos da faculdade da imaginação e das Idéias da Razão na construção da teoria do conhecimento de Kant. Para entendermos o que seria os esquemas e qual seria sua principal função desempenhada na teoria do conhecimento kantiana é necessário as seguintes explicações. A imaginação terá a função de sintetizar os dados da sensibilidade e com isto fazer uma conexão com o entendimento, que só será possível devido sua construção de

esquemas. Mas a Razão segundo Kant, busca sempre o incondicionado, considerado como a condição última de todas as condições do mundo, ou seja, a exigência da Razão é de fazer sínteses definitivas e totais sem se relacionar com as intuições. Segundo Kant a busca desse incondicionado formará três idéias: a primeira, é a idéia de uma unidade absoluta do sujeito (objeto de estudo da psicologia racional) a segunda, é a idéia de uma unidade absoluta da série das condições dos fenômenos, ou seja, o mundo (objeto de estudo da cosmologia racional) e a terceira é a determinação de todos os conceitos, ou seja, Deus (objeto de estudo da teologia racional).

Palavras-chave: Esquemas. Imaginação, idéias.

HAYANE DA COSTA FREITAS (hayzinha_@hotmail.com), Graduação (UECE/IC), Grupo de Pesquisa: Ética e direitos humanos. Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Rodrigues da Costa (UECE). **Códigos de moral em Russell.** Na presente comunicação pretende-se tratar dos códigos de moral, apresentados no livro *Ética e Política na Sociedade Humana* (1954) de Bertrand Russell (1872-1970). Em todas as comunidades existem atos que são obrigatórios, proibidos, louvados e atos que são reprováveis, a esses atos chamamos de códigos de moral. Esses códigos mudaram, de acordo com o tempo e o lugar, havendo assim uma diversidade de códigos ao longo da história. Mas como saber quais códigos são certos e quais errados? Para algumas pessoas isso seria fácil de ser respondido já que para elas o código de sua comunidade é o correto e os outros códigos, diferentes do seu, devem ser condenados, principalmente quando os mesmos partem da convicção de que o código tem origens sobrenaturais como é o caso de muitas religiões. Para Russell as pessoas podem ou não seguir os códigos de sua comunidade, pois existem atos que julgamos louváveis, e que consistem em criticar ou infringir o código de moral. Para o autor a escolha dos códigos é subjetiva, mas o que deve ser objetivado é a manutenção da integridade pessoal e o favorecimento da confiança mútua nas relações pessoais. **Palavras-chave:** Códigos. moral. comunidade.

HELDER NOGUEIRA ANDRADE (profheldernogueira@yahoo.com.br), Mestrado em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: Ética e Direitos Humanos. Orientadora: Profª. Dra. Marly Carvalho Soares (UECE). **O Estado como a vida real e ética de um povo.** Nas suas reflexões sobre a História Universal o filósofo alemão G.W.F. Hegel esclarece que a filosofia da história não pode furtar-se ao estudo do Estado, pois o conteúdo do Estado produz em grande parte a própria história, onde os povos realizam da forma mais consciente o seu querer e saber. Com isso ao considerarmos o verdadeiro conceito de história, onde a racionalidade aparece na consciência, na vontade e na ação, manifestando-se na existência do mundo, devemos tratar do Estado onde a liberdade consiste somente no saber e querer objetos universais, substanciais, como o direito e a lei, produzindo uma realidade que lhes é conforme: o Estado. Portanto o objetivo central do presente trabalho é refletir sobre a vida ética de um povo em sua realização histórica na efetividade do Estado como liberdade realizada no espírito do povo. **Palavras-chave:** Hegel, Estado, povo.

ISABELLE MARIA BRAGA DA SILVA (isabelle.braga@yahoo.com), Graduação (UECE/PROVIC) Grupo de Pesquisa: Experiência, linguagem e aisthesis: a modernidade e o domínio do estético. Orientador: Profª. Drª. Ilana Viana do Amaral (UECE). **Estética e o sistema hegeliano: A Estética de Hegel como gênese da bela arte.** A presente pesquisa pretende investigar e expor a argumentação conceitual apresentada por Hegel nos seus Cursos de Estética para defender a necessidade de uma ciência (*Wissenschaft*) da arte das críticas referentes à sua natureza e sua finalidade. Tais críticas, são expostas logo na seção introdutória da Estética, terminariam por conduzir a uma visão da arte como supérflua, na medida em que esta exporia, segundo tal ponto de vista, uma existência apenas aparente e um caráter ilusório. Defendendo, a princípio, de que a maior finalidade da Arte é segundo Hegel, ser a conciliadora de eternos opostos como a razão e

o sensível, assim como, é a representação da intuição humana, isto porque é um prolongamento do Espírito. O ponto de partida para entender a possibilidade de uma ciência da arte, de uma filosofia da arte é assim que a arte seja pensada como uma forma de manifestação da efetividade (Wirklichkeit), na qual a aparência não é simplesmente ilusória, mas corresponde à essência.
Palavras-chave: Estética. Hegel. Ciência da Arte.

ÍTALO MOURA GUILHERME (italo_mg@hotmail.com), Graduação em Filosofia (UECE/FUNCAP), Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria crítica da Sociedade. Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **Descartes e a reflexão política na ciência admirável.** Com base nas *Meditações metafísicas* e mais precisamente a 4ª Meditação, tentarei expor a relação entre vontade e entendimento, alocando ao cogito uma respiração com oxigênio no meio do ar venoso da época: a bem dizer, de um séc. XVII entre guerras religiosas e perseguições a todos aqueles que se opuseram às ordens religiosas e políticas dogmáticas, fundadas na força de alguns Estados. A importância da reflexão cartesiana encontra sua transgressão frente à época na própria união de ciência e virtude, alma e corpo, pela qual compreende um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta da vida, como para a preservação da saúde e a invenção de todas as artes. Ela representa a renegação do passado e num duplo aspecto, a saber, de um lado, o afastamento da tradição, como a filosofia escolástica, de outro lado, a retomada de categorias medievais, tais como livre-arbítrio e prova ontológica da existência de Deus. Com isso, na ciência admirável – uma ciência universal válida para todos os homens e todos os tempos –, encontramos a proclamação da independência intelectual, do livre-arbítrio do espírito em relação ao regime de autoridade na ordem social. Católico sincero e fiel, embora acusado de ateísmo, ceticismo e protestantismo, Descartes utilizou pedras em ruínas e reconstruiu um edifício seguro, com fundamento, em uma metáfora na política, em que, independente dos

povos, seja dada a sequência das verdades em um grau de sabedoria para que possamos conviver com a coisa do mundo melhor partilhada: o bom senso. **Palavras-chave:** Descartes, política, meditações.

IVONEIDE FERNANDES RODRIGUES (ivoneide-fr@hotmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: Dialética e Teoria crítica da sociedade. Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **A natureza mítica do Direito.** Partindo do princípio de que, para o Direito, a violência é um meio, Benjamin lança a pergunta pela validade de seu uso, mesmo que seja para fins justos, questionando-se sobre a moralidade de seu uso. Reduzir a pergunta sobre a legitimidade do uso da violência para atingir fins justos não é suficiente para obter uma resposta, pois a questão permanece ainda sobre o juízo dos fins. É preciso sair dessa esfera dos fins para se fazer uma real crítica ao uso da violência presente nas relações jurídicas, é preciso penetrar na esfera dos meios para entendermos que a violência desenvolve um papel ético nas relações humanas. Essa forma de violência, Benjamin chama de violência mítica, que está presente não só no Direito, como também na política e no Estado moderno. Nessa comunicação pretendo expor do que trata essa violência mítica, essa relação entre o Direito, a violência e o mito.

Palavras-chave: Direito, mito, violência.

JOÃO PEREIRA (jpsfilosofia@yahoo.com.br), Mestrado em Filosofia (UFC/CAPES). Orientador: Prof. Dr. José Maria Arruda (UFC). **A política no pensamento de Nietzsche: o surgimento do gênio.** O pensamento político de Nietzsche, junto com suas considerações acerca da linguagem, tem se mostrado um interessante objeto de estudo acadêmico na atualidade. A opinião trivial acerca do pensamento político nietzschiano, enfatiza elementos profundamente negativos do ponto de vista de nossa tradição democrática. Elementos tais como sua defesa da guerra e da escravidão, sua concepção acerca da criação do estado pela força, em

contraposição a idéia de um contrato originário, e por fim, seu posicionamento profundamente aristocrático são expostos como motivo de condenação, como indícios de uma filosofia reacionária e condenável. Esta forma de se conceber seu pensamento político, a nosso ver, está amplamente fundamentada em uma interpretação deficitária de sua obra, sobretudo de seu texto *O Estado Grego*, pequena obra de juventude, publicado como um dos cinco prefácios para cinco livros não escritos. Tal deficiência interpretativa está associada em grande parte a repercussão da apropriação nazista do pensamento nietzscheniano. Este trabalho propõe realizar uma leitura do Estado Grego em relação a suas outras obras, o que nos põe de certo modo, para além do político. Trabalharemos com a idéia de que, além de uma consideração política, importa a Nietzsche a emergência do Gênio Artístico e suas condições de possibilidade. Neste sentido, procura-se entender seu pensamento anti-democrático, anti-socialista, como crítica a uma concepção política que ao fundamentar a defesa da igualdade universal, em última instância uma concepção cristã, tolhe o surgimento dos seres extraordinários, que levariam a humanidade para além de sua mera auto-conservação. **Palavras-chave:** Política, Estado, gênio.

JOAQUIM IARLEY BRITO ROQUE (iarleybr@hotmail.com), Graduação em Filosofia (UECE/FUNCAP), Grupo de Pesquisa: Walter Benjamin e a Filosofia Contemporânea. Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Terezinha de Castro Callado (UECE). **Walter Benjamin: Uma crítica à concepção evolucionista de progresso.** As teses *Sobre o Conceito da História* inserem-se no conjunto de escritos produzidos por Walter Benjamin (1892-1940) em combate tanto ao ideal sistemático positivista de se compreender a história, como aos ideais totalitários da social-democracia. Apoiado no materialismo histórico, no itinerário freudiano, nas suas origens judaicas e articulando influências tão contraditórias e ricas como o romantismo alemão, o messianismo judaico e o marxismo, as dezoito teses e dois anexos constituem uma síntese própria e original do entendimento de história como

o processo de desenvolvimento da realidade. As teses configuram um ataque frontal à posição dos historiadores ao articular o passado e presente às concepções lineares e conformistas da história, na noção positivista de “progresso”, da historiografia dos acontecimentos narrados pelo ponto de vista dos opressores (*Herrschende*), e da construção do socialismo como fruto da evolução natural dos meios de produção. Contra essa visão mecânica, passiva, Benjamin propõe uma nova concepção de história, contada do ponto de vista da maioria oprimida (*Unterdruckte*) com a perspectiva indispensável de transformação, uma história viva e crítica da concepção evolucionista de progresso, de história contínua, típica da social-democracia, quando ressalta que a História é objeto de uma construção, que tem lugar não no tempo vazio e homogêneo, mas no repleto de atualidade, o tempo do agora (*Jetztzeit*). Os conceitos de Walter Benjamin, ainda que muito marcados pela época em que viveu, mesmo com suas referências ao comunismo, apresentam muita atualidade. Portanto, analisar a concepção benjaminiana de história enquanto construção não é só analisar um novo conceito, mas também compreender que a experiência dos homens configura um pressuposto primordial para o processo de construção histórica. **Palavras-chave:** História, progresso, experiência.

JOAQUIM RODRIGUES DE SOUSA NETO (joaquim_rsn@hotmail.com), Graduação em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos em Filosofia Medieval (GEFIM). Orientador: Prof. Dr. José Expedito Passos Lima (UECE). **Erasmus e Montaigne: a civilidade no início e no fim do século XVI.** A intenção deste trabalho é apresentar os motivos da importância atribuída às regras de conduta na primeira metade do século XVI, que se reflete na grande circulação do manual *A civilidade pueril* (1530) de Erasmo (Roterdam, 1469 – Basileia, 1536), e o questionamento destas mesmas regras, empreendido por Montaigne (Dordogne, 1533 ? id., 1592) em seus *Ensaíes* (1588). Com este escopo, são apresentadas algumas con-

siderações sobre o processo que vai do advento da civilidade às críticas ao excesso de decoro no trato civil, atentando-se para o significado de sociabilidade no contexto considerado, como entrave à espontaneidade dos indivíduos e inimiga das “más” condutas. No supracitado tratado, Erasmo delinea normas de comportamento em várias ocasiões do convívio social, regras estas que todos deveriam seguir, em especial a nobreza. A preocupação com a aparência, reflexo da concepção de que a exterioridade revela as disposições íntimas dos indivíduos, é uma preocupação característica das sociedades cortesãs. Contudo, no fim do século XVI, algumas destas regras de civilidade são postas em questão por Montaigne como artificiais e ridículas. Para ele, os comportamentos amaneirados dos cortesãos não eram necessários às relações sociais fora dos círculos das cortes. De acordo com Montaigne, o desembaraço no trato expressa-se, principalmente, através de maneiras “naturais”. **Palavras-chave:** Erasmo, Montaigne, civilidade.

JOSÉ ALDO CAMURÇA DE ARAÚJO NETO (9nossopais2005@yahoo.com.br), Mestrado em Filosofia (UFC/FUNCAP), Grupo de Pesquisa: Marxistas. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas (UFC). **A moral kantiana sob a perspectiva crítica de Hegel.** A comunicação tem como objeto central a crítica de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1776-1831) à moralidade kantiana. Na perspectiva hegeliana, a noção de moralidade construída por Immanuel Kant (1724-1804), mais precisamente a noção de imperativo categórico, é abstrata e vazia, limitando-se apenas ao âmbito do entendimento. Dessa forma, Hegel acusará Kant em tentar reduzir a ideia de liberdade na esfera representativa do pensamento, não existindo, portanto, a possibilidade de efetivar tal ideia no real. Além disso, a noção kantiana de moral – que aparenta ser oriunda da práxis – é, na verdade, transformada para a esfera do pensar. Apesar das críticas, Hegel reconhece que a filosofia kantiana trouxe inovações para a filosofia. Uma delas, e talvez a mais importante, consiste em ter feito do dever algo essencialmente racional, livre das opiniões

externas, por exemplo. Hegel considera ainda que Kant chega ao ponto mais alto da razão do ponto de vista prático: a noção de autonomia. Entretanto, antes de nos aprofundarmos na crítica de Hegel a seu antecessor precisamos compreender como a noção kantiana de moralidade foi arquitetada, construída. Depois disso, passaremos a analisar como Hegel critica a filosofia kantiana na obra *Princípios da Filosofia do Direito*, de 1821. **Palavras-chave:** Moral kantiana, crítica, liberdade.

JOSÉ ERONALDO MARQUES (eronaldom@yahoo.com.br), Mestrado Acadêmico em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: Ética e Direitos Humanos. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marly Carvalho Soares (UECE). **Eric Weil: O sentido da Filosofia e Política, tendo o homem como razão e violência.** A dicotomia no homem que pode ser racional ou violento, agindo sempre de acordo com a sua vontade, condicionado pelas contingências empíricas, mostra que o homem não pode agir sempre de forma racional. Esse pensamento de Weil contesta toda uma tradição filosófica que para ele não é capaz de dá sentido a realidade. Esse trabalho não tem o objetivo de desenvolver todo o sistema de Eric Weil, mas buscar entender o seu pensamento com relação ao homem, a Filosofia e a Política. O método adotado foi de uma postura analítica de leitura. O material usado foi de natureza teórico-interpretativa, sobretudo da obra do próprio autor, bem como, auxiliado por outras obras que abordam o mesmo tema. O pensamento filosófico de Weil é de grande relevância porque ele parte da realidade que está aí, e para desenvolvê-lo Weil buscou demonstrar em sua obra *La Logique de la Philosophie*, que é vastíssima, qual a coerência dos discursos filosóficos, desde Parmênides até Hegel. O cerne deste trabalho consiste em poder demonstrar de forma sucinta, qual o sentido da Filosofia e Política em Eric Weil tendo como fundamento o homem como um ser racional e violento. **Palavras-chave:** Filosofia, política, Eric Weil.

JOSE RIBAMAR DA SILVA BATISTA (ribamar@cearamotor.com.br), Graduado em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa em Metafísica e Estética. Orientadora: Profª. Drª. Sylvania Leão (UECE). **A influência da vontade humana na natureza, na estrutura e no dinamismo segundo Tomás de Aquino.** Este trabalho analisa os conceitos dos atos humanos em Tomás de Aquino, que executa em seus estudos teo-filosóficos uma verdadeira obra de síntese entre os saberes de vários pensadores como: Aristóteles, Agostinho, Boécio, Dionísio, dentre outros e a Sagrada Escritura. Portanto, nesse terceiro volume da *Suma Teológica* percebe-se que o Aquinate desenvolverá as características particulares das ações humanas no intuito de demonstrar para os menos esclarecidos a verdadeira felicidade do homem que é alcançada na bem-aventurança. Logo, será nesse momento que a hipótese principal deste trabalho ganhará corpo, ou seja, como poderemos definir a influência da vontade na natureza, na estrutura e no dinamismo do homem em relação à bem-aventurança, pois muitas vezes nossos atos pessoais vão de encontro com as determinações de Deus. Portanto, será no seio dessa complexidade que tentarei abordar de forma coesa as diversidades encontradas na obra Aquiniana. Diante dessas circunstâncias fica evidenciado que Tomás de Aquino aborda as questões relativas ao ser humano enquanto obra do poder de sua vontade, como também da nossa capacidade de dominação sobre nossas ações. **Palavras-chave:** Vontade, liberdade, inteligência.

JOSÉ RÔMULO SOARES (romulosoaesjr@yahoo.com.br), Graduado em Filosofia (UECE); Doutor em Educação, Grupo de Pesquisa: Práxis, Educação e Formação Humana; Dialética e Teoria Crítica da Sociedade. Orientadora: Profª. Drª. Susana Jimenez (UECE). **Filosofia Política e Social neopragmática de Richard Rorty.** A investigação aborda a filosofia política e social do filósofo estadunidense Richard Rorty. Claro defensor da democracia e do liberalismo, Rorty apresenta seu país, os Estados Unidos, como a mais bem elaborada forma de sociabilidade da história humana.

Assim, ressentem-se de certos intelectuais da esquerda norte-americana, pelo fato daqueles levantarem críticas ao país natal, ao invés de segundo Rorty, elevarem o orgulho nacional americano. Ao tratar das relações políticas e sociais na contemporaneidade, Rorty apresenta-se como um severo crítico das chamadas grandes narrativas, a exemplo do marxismo, enquanto aponta para mudanças pontuais nas relações entre os seres humanos, denominadas pelo mesmo, de históricas e contextuais. Dessa forma, a linguagem surge como elemento essencial de mediação entre os indivíduos, alimentando as relações intersubjetivas e proporcionando a solução de problemas locais, focados em pequenos grupos humanos. A discussão crítica acerca da filosofia política e social rortyana apóia-se numa concepção emancipadora da sociedade, especialmente no legado marxiano. A partir deste horizonte teórico, a pesquisa apresenta o ideário de Rorty, no contexto das necessárias justificativas teóricas às contradições econômicas, sociais, políticas e ambientais, atualmente vividas pela humanidade. **Palavras-chave:** Filosofia política e social, Rorty, neopragmatismo.

JOSÉ SOARES DAS CHAGAS (jsoares007@hotmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE/FUNCAP), Grupo de Pesquisa: GT Benedictus de Spinoza. Orientador: Prof. Dr. Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso (UECE). **O monismo spinoziano e a sua raiz.** Inserindo-se em uma tradição filosófica, que remonta a Aristóteles, Spinoza retoma um conceito caro à história do pensamento ocidental, a Substância. Analisando-o e depurando-o chega à conclusão de que só a Deus se pode atribuí-lo. E isso porque só dele se pode dizer que existe e é concebido por si mesmo. As outras coisas são pensadas como constitutivas de um substrato infinito a partir das noções de extensão e pensamento, que Descartes chamava de atributos principais. E tal afirmação parte exatamente da contraposição ao pensamento cartesiano que, na desesperança de falar do que a coisa é em si mesma, reduziu a noção de substancialidade à *res cogitans* (coisa pensante) e à *res extensa* (coisa extensa), mantendo

o dualismo herdado da Escola. Esta afirmação ontológica redundaria em um gnosticismo. Safando-se da aporia cartesiana, que pressupunha uma realidade não possível de ser concebida e, ao mesmo tempo, dizendo ser ela as suas manifestações atributivas, o nosso autor postula a Imanência como pressuposto inevitável de consideração da realidade como aquilo na qual não pode haver contradição e que não pode ser concebido senão pela evidência de seu próprio conceito. O objetivo de nossa comunicação será assim mostrar as raízes do monismo spinozano. **Palavras-chave:** Monismo, substância, Deus.

JOSÉ WAGNER MACEDO SOUTO (wagner.meia66@hotmail.com), Mestrado Acadêmico em Filosofia (UECE/FUNCAP), Grupo de Pesquisa: Metafísica. Orientador: Prof. Dr. José Expedito Passos Lima (UECE). **A pedagogia e a gênese do mundo civil: reflexão de Giambattista Vico na Autobiografia.** Esta comunicação pretende explicitar a reflexão de Giambattista Vico (1668-1744) na obra *Autobiografia* (1728), no tocante a formação do homem e seu processo de sociabilidade. Faremos, em um primeiro momento, uma explanação, em linhas gerais, sobre a pedagogia, onde Vico critica a que estava em evidência, *Logique de Port-Royal*, sob o modelo cartesiano, pois a mesma, não contribui para uma formação do homem em particular, muito menos em sociedade. A seguir, no decorrer de da obra, Vico anuncia sua primeira edição da *Scienza Nuova* editada em 1725, aonde vem demonstrada que a verdade dos primeiros autores das nações seria encontrada nas tradições vulgares. O autor afirma estarem presentes no mundo da cultura, os elementos que apontariam para uma compreensão do homem, para que o mesmo vivesse em sociedade. Autores conhecidos de Vico, como: Grócio, Selden e Pufendorf eram corrigidos por Vico, pelo fato de pensarem o homem primitivo com uma razão completa e sem o apoio da providência divina. O autor atenta sobre a importância da vida, da convivência, onde o homem atua no sentido de perpetuar sua humanidade: tema

este a ser tratado nesta comunicação. Palavras-chave: **Palavras-chave:** Autobiografia, arte crítica, vida.

JOSÉ WILLIAM MOREIRA MORENO FILHO (willmoreira@hotmail.com), Mestre em Filosofia (UFC/FUNCAP), Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Montenegro (UFC). **Cristianismo, uma religião fictícia: moral e religião do desprazer.** A intenção desta comunicação é de escavar e desestruturar todo o arcabouço forjado pelo cristianismo, isto é, durante pouco mais de dois mil anos foram-nos inculcados formas de pensar e de agir decadentes que enfraquecem a potência da vida. Para isso, partirei da análise nietzscheana de que o cristianismo não tem algum ponto de contato com a realidade, pois suas "causas" são imaginárias (Deus, alma, Eu, livre-arbítrio) e por consequência seus "efeitos" também (pecado, salvação, graça, castigo, perdão dos pecados). **Palavras-chave:** Cristianismo, moral, ficção.

JUDIKAEL CASTELO BRANCO (judikael79@hotmail.com), Mestrando em Filosofia (UFC/CAPES), Orientador: Prof. Dr. Evanildo Costeski(UFC). **Agir comunicativo e moral na Ética do Discurso de Jürgen Habermas.** O projeto habermasiano de uma teoria moral a partir do discurso pertence às mais ambiciosas e exigentes empreitadas da filosofia revirada linguísticamente. Situa-se na tradição kantiana de uma ética dos deveres (deontológica) e postula discursos práticos como lugar da reconstrução, fundamentação e aplicação das normas e juízos morais, enquanto instâncias válidas para regulamentar situações práticas problemáticas quando puderem ser aceitas racionalmente e por todos os afetados, tendo aqui seu critério de validade compreendido como universal. Deste modo se dá como variante da Ética do Discurso pragmático-formal propondo-se a desenvolver uma ética do discurso cognitivista; formal procedimental; universalista e, portanto, deontológica, já que os discursos práticos pressupõem um princípio de universalização da validade das normas morais sem coação. Este princípio de universalização se consegue pela

derivação transcendental a partir de regras universais de argumentação; apenas estas regras do discurso argumentativo podem ser objeto de fundamentações transcendentais, não as normas morais mesmas, cuja racionalidade tem que ser decidida nos discursos práticos reais. Para realização deste projeto Habermas distingue três níveis essenciais de discurso prático referentes a questões éticas, morais e pragmáticas, assim como a introdução de um discurso moralmente neutro ramificado em especialização num princípio moral e num princípio do direito. **Palavras-chave:** Habermas, ética, discurso.

JULIANO CORDEIRO DA COSTA OLIVEIRA (julianocordeiro81@gmail.com), Mestre em Filosofia (UFC), Orientador: Prof. Dr. Manoel Araújo de Oliveira (UFC). **Pensamento pós-metafísico e religião: Acerca da possibilidade de fundamentação de normas num mundo de crenças e não-crenças em Jürgen Habermas.** Jürgen Habermas interpreta as sociedades modernas como fortemente marcadas por um pluralismo de cosmovisões, consequência de um desmoronamento das religiões, do *ethos* que nelas se legitimava, enquanto fundamento público de validade de uma moral compartilhada por todos. Na modernidade, para Habermas, não há mais lugar para um fundamento último da moralidade, seja de natureza metafísica ou religiosa. Dependemos, hoje, na concepção habermasiana, de uma fundamentação pós-tradicional e pós-metafísica. Entretanto, Habermas defende, ao mesmo tempo, que não podemos colocar de lado as religiões, menosprezando-as nos debates públicos, mesmo tendo como referência uma razão pós-metafísica. Para Habermas, as religiões mantêm viva a sensibilidade para o que falhou no mundo secular, preservando, na memória, dimensões de nosso convívio pessoal e social, nas quais os processos de racionalização social e cultural provocaram danos irreparáveis. Nesse contexto, que lugar a religião possui no pensamento pós-metafísico? Como ocorre o diálogo entre secularismo e religião, tendo em vista a fundamentação de normas numa sociedade pluralista? A comunicação baseia-se nas seguintes obras de

Habermas: *Entre Naturalismo e Religião: estudos filosóficos e Pensamento Pós-metafísico: estudos filosóficos.*
Palavras-chave: Religião, razão, Habermas.

KÁCIA NATALIA DE BARROS SOUSA LIMA (alister_maden@yahoo.com.br), Graduação em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos Foucault. Orientadora: Profª. Drª. Cristiane Maria Marinho (UECE). **Foucault e a medicina: o controle corpóreo no século XVIII.** O presente trabalho apresenta como Michel Foucault (1922-1984) demonstra que a medicina moderna surge no final do século XVIII com a percepção de que o corpo é patológico e se exerce de forma coletiva. Foucault entende a medicina como prática terapêutica exercida sobre indivíduos de forma coletiva, contrariando pesquisas já balizadas que afirmavam ter a medicina moderna um cunho individual, fruto do individualismo capitalista. O que Foucault justamente demonstra é o contrário: a ascensão do capitalismo possibilitou a permuta da atividade médica privada para uma medicina coletiva, pois com o capitalismo surge também a socialização de um primeiro objeto, que no caso é constituído pela força braçal, ou seja, o próprio corpo. Anteriormente, a medicina se limitava a esporádicas visitas aos enfermos de maneira individual. Valendo salientar que para as diferentes formas do exercício e domínio do poder se fazem necessários além do domínio ideológico a constituição de um controle corpóreo. Foucault esquadriña a medicina em três etapas essenciais que iram constituir a formação médica: a medicina de estado alemã, a medicina urbana francesa e por fim a medicina de trabalho inglesa. **Palavras-chave:** Foucault, medicina, poder.

KEDNA ADRIELE TIMBÓ DA SILVA, (kedna_adrielle@hotmail.com), Graduada em Filosofia (UECE/CNPq), Grupo de Pesquisa em Ética e Direitos Humanos, Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Rodrigues da Costa (UECE). **A moral e a liberdade como ação do próprio sujeito no mundo.** Pretende-se nesta comunicação abordar como foco principal sobre a liberdade e libertação,

utilizando a obra *Por uma Moral da Ambigüidade* (1947) de Simone de Beauvoir (1908-1986). Será exposto o conceito de liberdade para a autora, onde ela explica a ação do sujeito e seu desvelamento, como condição da existência do ser positivamente no mundo, dessa maneira, tornando possível o querer ser livre. Segundo a filósofa, muitos opressores utilizam a própria liberdade para oprimir o outrem. Mas, então, onde começa e acaba a liberdade do outro? Esta pergunta será respondida, para se ter um melhor esclarecimento do assunto, partindo de questões periféricas como o posicionamento do opressor, as metamorfoses do oprimido, a sedução das utilidades e a exaltação da idolatria do homem ao passado, dentre outras. Esses questionamentos visam desencadear uma reflexão a respeito da moral, que para Beauvoir era ambígua, pelo fato do homem experimentar o paradoxo de sua condição. Portanto, entendendo a formulação de uma moral, em que mesmo o homem passando pela as angustias das escolhas, os problemas existenciais e os fracassos assumidos, ele jamais deve conceber a opressão de sua liberdade por outrem. **Palavras-chave:** Liberdade, Ação, Homem.

LEANDRO LELIS MATOS, (caraestranho15@hotmail.com), Graduado em Filosofia (UECE), Orientadora: Profª. Ms. Eliana Sales Paiva (UECE). **Devir minoritário, políticas do desejo.** Gilles Deleuze e Félix Guattari escreveram “a quatro mãos” a obra *Kafka: por uma literatura menor*, com a pretensão de potencializar o autor judeu-tcheco por meio de uma escrita de linhas do desejo, uma vez que Kafka era tomado muitas vezes como um escritor reativo e distante de uma preocupação política na sua literatura. Deleuze e Guattari traçaram dentro de Kafka uma linha que se diz, a princípio, minoritária, assumindo na sua literatura uma obra completa que agencia coma a política e com outros conceitos como desejo, coletivo, poder, indivíduo. Deste modo, engendrando uma literatura menor, ante a dominação da palavra de ordem veiculadora dos mecanismos de poder. O que propomos apresentar é, portanto, como Deleuze e Guattari assumem a obra de Kafka como uma

literatura minoritária, encaminhando a uma orientação seguida pelos próprios autores que tracejam uma linha de fuga ao poder exercido pelos marcadores de poder dos enunciados. Para tanto, nos serviremos das obras Kafka: por ma literatura menor e Mil Platôs, encaminhando assim um fluxo por onde é possível escapar das investidas do poder de um povo maioritário pelas linhas de fuga do devir minoritário. **Palavras-chave:** Kafka, política, minoritária.

LILIANE SEVERIANO SILVA, (lilidesade@yahoo.com.br), Mestrado em Filosofia (UFC/Capes), Orientador: Prof. Dr. José Expedito Passos Lima (UECE). **Bacon e Vico: a propósito da sabedoria dos antigos.** No presente trabalho explicitaremos a leitura realizada por Giambattista Vico dos escritos de Francis Bacon, em especial aqueles que tratam da existência de uma pretensa sabedoria entre os povos da Antiguidade. Este topos retórico, utilizado por Vico em seu *De antiquissima* [1710] para falar a respeito de uma erudição presente entre os povos de língua latina, é empregado também por Bacon em seu *De sapientia veterum* [1609], embora neste escrito a questão da sabedoria dos antigos seja tratada com base na leitura dos mitos e fábulas antigos, interpretados racionalmente e considerados como alegorias da realidade. Já na *Scienza nuova viquiana*, de 1725, a importância da Antiguidade vem concebida na expressão dos falares antigos, adquirindo outra dimensão: a preocupação com as origens poéticas da linguagem no seu projeto de ciência. Não obstante a diferença de tratamento, Vico nos remete à progressão das ideias científicas empreendidas por Bacon, representada por exemplo pelo *De augmentis scientiarum* [1623], o qual representaria a preocupação baconiana com a completude do saber, apresentando uma aproximação entre os projetos científicos de ambos os autores. **Palavras-chave:** Sabedoria dos antigos, mito, ciência.

LUCAS BARRETO DIAS, (nog_lbd@hotmail.com), Graduado em Filosofia (UECE), Orientador: Profª. Msª. Eliana Sales Paiva (UECE). **A ambigüidade entre moral e poli-**

tica em Simone de Beauvoir. Pensadora preocupada com as questões éticas, Simone de Beauvoir (1908-1986) dirige críticas às reflexões e modos de agir que adotem uma postura de exclusão na relação entre moral e política. O erro de todos os sistemas e posturas filosóficas foi a tentativa de hierarquização entre tais concepções. Tentando salvaguardar o homem ou em sua profunda subjetividade sob o nome de moral -, ou aniquilando suas escolhas sob um objetivismo irrestrito evocando aqui o nome política -, tenta-se apenas camuflar o fracasso ao qual o homem está inserido inicialmente. Beauvoir, ao contrário, não procura meios de evadir o homem de tal condição, mas diz que na irrupção de sua existência o homem nada é. Para que venha a ser, é preciso que ele aja, que se lance no mundo. Tal lançar-se é que constitui o movimento da passagem do contingente ao necessário, e esse movimento é o que a filósofa francesa compreende por moral. Contudo, não basta o simples movimento, para que se concretize e que possa ser válido precisa fundar-se, dar razões de si, garantir objetivamente aquilo que foi projetado subjetivamente. Apenas assim é possível uma reflexão e uma ação éticas: através da perspectiva ambígua entre moral e política. **Palavras-chave:** Moral, Política, Ambiguidade.

MANOEL JARBAS VASCONCELOS CARVALHO, (jarbasvc@gmail.com), Mestre em Filosofia(Uece), Grupo de Pesquisa: Walter Benjamin e a Filosofia Contemporânea, Orientadora: Profª Drª. Maria Terezinha de Castro Callado (UECE). **A ética risonha dos gregos: considerações de Nietzsche acerca dos ditirambos a Dionísio.** A alegria é a pedra de toque do pensamento de Nietzsche. Desde *O nascimento da tragédia* não foram poucos os elogios do filósofo a uma das maiores expressões da cultura helênica, os ditirambos a Dionísio. A música monotônica dos coros que conduzia a alegria característica dos festejos era também a responsável pela coesão social da cidade, que se reunia numa ode à embriaguez e à festa. O riso frouxo, que tomava às ruas e contagiava os brincantes, desafiava os costumes num completo desprezo ao formalismo moral da

época. “Por isso, sua interdição fora inevitável, e muitos foram os que contribuíram para isso...”. O intuito deste trabalho reside em identificar no pensamento do filósofo de Sils-Maria a possibilidade de uma ética risonha partindo do fenômeno social do dionisiaco, um contraponto à sisudez e ao dogmatismo das filosofias morais, como aquelas elaboradas pelos racionalistas clássicos. Nesse sentido, esta pesquisa tende a recuperar o sentido etimológico da ética, enquanto proteção “contra” os valores morais muitas vezes utilizados em detrimento de uma das mais importantes e vitais expressões do humano, o riso. **Palavras-chave:** Nietzsche, riso, ética.

MARCOS AURÉLIO DA GUERRA DANTAS (marteguerra@hotmail.com), Mestrando em Filosofia (UECE/CAPES), Grupo de Pesquisa: Metafísica e Estética, Orientador: Prof. Dr. José Expedito Passos Lima (UECE). **Os dois grandes fragmentos de erudição da *Scienza nuova*: a reflexão de Giambattista Vico sobre a origem do mundo civil das nações.** Buscamos na presente investigação um estudo das reflexões de Giambattista Vico sobre os dois grandes fragmentos [*Due grandi Frammenti*] da sua *Scienza Nuova* de 1744: investigar os relatos que o autor recolhe tanto da Bíblia, quanto das obras de Homero. A princípio podemos nos perguntar: o que tais escritos possuem de relevantes, para que Vico se debruce sobre eles e reflita sobre seus conteúdos? Já se conhece a importância da religião para a estabilização do homem, quer Gentio, quer Hebreu. A religião será concebida como o primeiro princípio da sua *Nuova Scienza*, responsável pelo processo de socialização do homem. Na obra, a religião vem personificada sob a figura da Providência Divina. Logo, no início, ele afirma que um dos principais objetivos de sua *scienza* é justamente o de refletir a conduta adotada pela Providência Divina. Daí ser esta ciência no seu proceder: ela torna-se, conforme: uma teologia civil da providência divina. O que diferencia os Hebreus dos Gentios é o fato de que estes, após o Dilúvio Universal, tenham se afastado das práticas religiosas que os mantinham na esfera da sociabilidade

natural e da civilidade. Os Hebreus, por sua diligência em manter sua Religião e sua História escritas e a salvo das constantes modificações da linguagem, com este código se mantiveram distanciados da selvageria na qual os Gentios mergulharam. Se os Hebreus tiveram o cuidado de registrar sua História, pois as Sagradas Escrituras contém estes registros, o mesmo não ocorreu com os Gentios. O que podemos saber do passado destes encontram-se nos relatos míticos criados e transmitidos pelos poetas. A figura de Homero, presente no frontispício da Obra demonstra precisamente isto: que a história dos Gentios, ao contrário da História Sagrada foi refletida com base nas mentes dos primeiros poetas-teólogos. Expressão de tais relatos míticos podem ser encontrados nas obras atribuídas a Homero: a *Ilíada* e a *Odisseia*. **Palavras-chave:** Origem, mundo civil, nações.

MARCOS FABIO ALEXANDRE NICOLAU (marcosmjc@yahoo.com.br), Doutorando em Educação (FACED/UFC/Funcap), Grupo de Pesquisa: Marxismo, educação e luta de classes, Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas (UFC). **A tentação hegeliana em *Do texto à ação***. O objetivo deste trabalho é apresentar as idéias e as críticas do filósofo contemporâneo Paul Ricoeur sobre a Filosofia Hegeliana realizadas em seu *Do Texto a Ação* (no artigo sobre a "*Razão Prática*", sob o subtítulo "*A tentação hegeliana*"), apresentando as principais motivações e conclusões obtidas pelo filósofo. Nesse específico capítulo, a sua principal motivação será a de solucionar a problemática criada pela idéia de um projeto, para ele impossível, de uma mediação total. Ricoeur tenta construir, por etapas, um conceito de razão prática que satisfaça a exigência de chamar-se razão, mas que conserve características irreduzíveis à racionalidade científico-técnica. Para isso, Ricoeur se ocupa do plano da teoria contemporânea da ação à qual encontram-se as noções de razão de agir e de raciocínio prático. Posteriormente, Ricoeur passará para o plano de uma sociologia compreensiva onde encontrará as noções de regra de ação e de conduta submetida a regras. Essas

análises levarão ao limiar das duas grandes problemáticas clássicas de ação sensata, as de Kant e de Hegel. Paul Ricoeur desenvolve uma hermenêutica baseada na fenomenologia concebendo o agir humano como um dos eixos essenciais de sua reflexão. **Palavras-chave:** Razão prática, *Sittlichkeit*, razão de agir.

MARIA IVONILDA DA SILVA MARTINS, (maria_ivonilda@yahoo.com), Graduação em Filosofia (UFC/Pibic/CNPq), Orientador: Prof. Dr. Konrad Utz (UFC). **O espírito alienado de si mesmo**. O "espírito alienado de si mesmo" é uma figura do Espírito presente na obra *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. Nessa figura, Hegel descreve conceitualmente o movimento que é marcado pela "alienação" do indivíduo o sujeito que se desprende da esfera natural e atua no mundo com a finalidade de fundamentar a sua liberdade na esfera social. A cultura, ou o "mundo da formação", é o local onde o autor pretende justificar o processo no qual o indivíduo necessariamente deve externar-se - ou seja, sair da esfera natural - a fim de realizar-se enquanto razão ativa no mundo. No primeiro momento da consideração hegeliana sobre a cultura e seu "Reino da Efetividade", deparamo-nos com a riqueza do pensamento do autor, pois ele, fundamentalmente, articula uma crítica a determinadas que teorias que ignoram a importância do indivíduo na construção da realidade. A crítica de Hegel, então, refere-se à consciência falha de indivíduos que constroem e operam no "mundo da formação", mas que a ele se opõem. Portanto, esta comunicação tem por principal objetivo explicitar os conflitos pelos quais a individualidade passa a partir desse primeiro ponto, no momento em que ela não se reconhece na substância universal, isto é, no mundo no qual ela está inserida e que, portanto, deve com ele se reconciliar. **Palavras-chave:** Formação, cultura, Hegel.

MÁRIE DOS SANTOS FERREIRA, (mariesan11@yahoo.com.br), Mestrado Acadêmico em Filosofia (UECE), Orientadora: Prof^a. Dra. Marly Carvalho Soares

(UECE). **A categoria do espírito como horizonte de sentido e realização, em Lima Vaz.** Na categoria do espírito Lima Vaz apresenta o ápice da unidade do ser humano. Esta dimensão permite ao ser humano uma abertura radical. Para Lima Vaz, reconhecer tal dimensão significa apreender o espírito como um "sair de si mesmo" e uma "abertura para" o mundo objetivo da natureza, para o mundo intersubjetivo da experiência da relação com outros seres humanos e com o próprio Absoluto. Portanto, para compreender o homem como ser propriamente humano é preciso, antes de tudo, pressupor a categoria de espírito, pois é ela que dá ao ser do homem o estatuto de humano. No discurso vaziano, a categoria do espírito, num movimento dialético e circular, suprassume a exterioridade do corpo e a interioridade do psíquico, possibilitando uma unidade estrutural do ser humano, elevando-o à dignidade de ser espiritual. Nesse sentido, dizer que o homem é espírito significa afirmar sua abertura transcendental à universalidade do ser segundo o duplo movimento de acolhimento e dom, da razão e da liberdade. É através do espírito, portanto, que o ser humano constrói seu horizonte de sentido e percebe, por meio desse mesmo espírito, a sua abertura à Transcendência. **Palavras-chave:** Espírito, sentido, transcendência.

MARTASUS GONÇALVES ALMEIDA (martasus@ymail.com), Graduando em Direito (Faculdade Christus), Orientador: Prof. Ms. Nicodemos Fabricio Maia (Faculdade Christus). **O direito animal na ética ambiental de Tom Regan: do valor instrumental à consciência ecológica estruturante.** Tom Regan estrutura sua teoria no sentido de abolir a utilização de animais, seja no experimento científico, seja na esfera comercial ou no lazer humano. Em sua infraestrutura teórica está a ideia de que os animais não são recursos naturais disponíveis, mas sim "sujeitos-de-sua-vida", possuidores de valor inerente, e, como tal, devem ser tratados com dignidade e com respeito. O filósofo americano reforça a necessidade de difundir o Direito Animal com a outorga de personalidade jurídica para esses seres. Duas são as

condições para se obter a ética ambiental: a primeira consiste na significância moral; a segunda, na instituição de seres não humanos como parte de um novo estatuto moral. Essa visão estruturaria a formação de uma comunidade moral de todos os seres sensíveis. Ficariam, assim, superadas outras éticas ambientais não conferidoras de valor inerente à vida de seres conscientes não humanos (animais) e de seres não conscientes (plantas e ecossistemas). Essa visão ética tem natureza e base holística, encontrando-se em sintonia com a lei de educação ambiental brasileira, visto conferir valor único e absoluto a seres conscientes não humanos formadores de uma totalidade estruturada, intrinsecamente e conjuntamente determinada, e determinante de níveis de vida que perpassam a esfera humana. **Palavras-chave:** Consciência ecológica, ética animal, Tom Regan.

MATEUS GONÇALVES DE MEDEIROS (mateusgoncalves@gmail.com), Mestrando em Filosofia (UECE/CAPES), Grupo de Pesquisa: Walter Benjamin e a Filosofia Contemporânea, Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha de Castro Callado (UECE). **O homem-instrumento. Adorno, Horkheimer e a oisificação do indivíduo.** Na obra *Dialética do Esclarecimento*, Theodor Adorno e Max Horkheimer realizam uma reflexão sobre o caminho percorrido pela racionalidade na história. Diferentemente da interpretação corrente que percebe como positivo o percurso desenvolvido pela razão que buscou iluminar as trevas do desconhecido, os autores identificam um aspecto problemático: o processo de instrumentalização da razão. A insistência na priorização do uso da racionalidade com o único fim da mera dominação da natureza, desconsiderou a razão como pensar crítico e realçou a racionalidade como instrumento, como técnica incapaz de autocrítica. Com a instrumentalização da razão, instrumentaliza-se o próprio homem, que busca o controle da natureza, mas que não questiona os meios pelos quais ele visa atingir esse fim. Ponto de chegada do itinerário percorrido pelo esclarecimento, a indústria cultural beneficia-se do homem

coisificado para vender seus produtos repetidos e padronizados. Este trabalho visa realizar um breve comentário sobre a reflexão de Adorno e Horkheimer acerca do processo de instrumentalização da razão desde seu cerne no mundo mítico até suas repercussões na cultura do século XX. Para atingir esse fim, será realizada uma pesquisa bibliográfica que inclui prioritariamente a leitura do livro *Dialética do Esclarecimento*, além de outras obras de Adorno e Horkheimer e de outros autores que ajudarão na compreensão da questão aqui tratada. **Palavras-chave:** Razão Instrumental, esclarecimento, indústria cultural.

MATEUS VINÍCIUS BARROS UCHÔA (mateusvbu@gmail.com), Graduando em Filosofia (UFC), Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica da Sociedade, Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza Aquino (UECE). **Experiência, tempo e história: a relação trabalho abstrato e tempo homogêneo e vazio em Walter Benjamin.** A concepção benjaminiana de História confronta diretamente com a historiografia positivista e com a social-democracia. Em *Sobre o conceito de história*, Benjamin critica a maneira de conceber a História como uma seqüência temporal linear e teleológica do ponto de vista do progresso e da novidade, que em sua concepção é expressão de um tempo homogêneo e vazio. Pensá-la criticamente, para Benjamin, não significa apenas apreender a movimentação de suas idéias, mas também apontar para sua imobilização. Desse ponto de vista, o tempo continuum da história corresponde à forma de “consciência” da mercadoria, ao tempo mercantil cuja medição estrutura-se na quantidade de trabalho abstrato no qual a sociedade do trabalho simula sua própria existência ontológica, incorporando suas leis numa trajetória independente da realidade concreta dos indivíduos. Nesta proposta de re-construção da história, as relações sido/agora, e não passado/presente, são redimensionadas de um ponto de vista dialético da imagem que implica uma ação destrutiva do tempo. Dito isto, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre a construção deste tempo “saturado de ágoras” próprio à ação revolucionária do

historiador e da classe revolucionária na superação do tempo arcaico e pseudo-cíclico. A comunicação visa, também, relacionar a *Obra das Passagens*, especificamente seu caderno N, nessa discussão. **Palavras-chave:** trabalho abstrato, tempo, imagem.

MAURILENE GOMES DO NASCIMENTO (maurileny@yahoo.com.br), Graduando em Filosofia (UECE/PROMAC), Grupo de Pesquisa em Ética e Direitos Humanos (UECE), Orientador: Prof. Ms. Alberto Dias Gadanha (UECE). **A resistência da subjetividade em A nova mentalidade alemã, de Marcuse.** O presente trabalho tem como objetivo expor a resistência da subjetividade diante da razão manipuladora e tecnicista alemã. O período nazista é um exemplo de uso da razão técnica que surge como ferramenta para perseguir e destruir qualquer oposição, diferença; é como se buscasse tornar todos os indivíduos em seres iguais e perfeitos. O pensador alemão Herbert Marcuse (1898-1979), da Escola de Frankfurt, por ser filósofo e ainda judeu sofreu com a perseguição política em seu país, elaborou uma obra cujo título é *Tecnologia, guerra e facismo*, sendo uma coletânea de seus artigos; mas para a construção do meu trabalho detive toda minha atenção ao seu artigo intitulado *A nova mentalidade alemã* que mostra uma razão da tecnicidade, em que expõe as inversões de valores de um período histórico, a tentativa da extinção da subjetividade para a coletividade. Assim meu trabalho propõe um debate sobre a resistência da subjetividade. **Palavras-chave:** Marcuse, subjetividade, resistência.

MILENA DE LIMA TRAVASSOS (milena_travassos@hotmail.com), Mestrado Acadêmico em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: Walter Benjamin e a Filosofia Contemporânea, Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha de Castro Callado (UECE). **Cinema: refuncionalização da arte em Walter Benjamin.** A presente pesquisa tem como campo de estudo dois textos de Benjamin: *O autor como produtor e A obra de arte na era de sua repro-*

dutibilidade técnica. As questões desenvolvidas no primeiro ensaio giram em torno do impacto sentido na arte, na cultura e na sociedade ocasionado pelas modificações tecnológicas. Benjamin faz uma reflexão sobre a ideal posição do autor e do seu fazer artístico nas atuais condições de produção e tem uma preocupação: não abastecer o aparelho produtivo sem ao mesmo tempo modificá-lo num sentido socialista, ou seja, como utilizar-se dessas novas formas técnicas de reprodução e não abastecer o sistema capitalista? As mesmas preocupações reaparecem em no ensaio sobre a obra de arte. Pondo de lado as especificidades temáticas pertinentes a cada um desses textos, deparamo-nos, após a leitura de ambos, com a questão da reprodutibilidade técnica e de seu impacto na produção e recepção da arte. No texto que trata do autor como produtor, o foco é a literatura e o abalo sentido por ela com a chegada do jornal impresso, já no ensaio sobre a obra de arte, as formas de reprodução técnicas, a fotografia e o cinema, são analisadas tendo em vista as suas contribuições para a mudança no conceito de arte e para uma formulação revolucionária na política artística. O interesse aqui é traçar um paralelo entre esses dois ensaios, no intuito de pensar a tarefa do autor após o advento das novas técnicas de reprodução, assim como do papel social que o cinema dispõe. **Palavras-chave:** Refuncionalização da arte, autor, técnica.

PAULO VICTOR DE ALBUQUERQUE SILVA (pvcitorpv@hotmail.com), Graduação em Filosofia. (UECE/PIBIC-CNPQ), Grupo de Pesquisa: Walter Benjamin e a filosofia contemporânea, Orientadora: Prof. Dra. Maria Terezinha de Castro Callado (UECE). **A narrativa do morte.** Walter Benjamin trabalha no texto *O narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1936), o conceito de narrador, que a partir do desenvolvimento do capitalismo, entrará em decadência. Revelando a importância do narrador em nossa cultura, como sendo um ilustre contador de histórias. Benjamin desenvolve esse conceito com base na leitura de Nikolai Leskov, admirável conhecedor da

cultura de seu país no qual adquiriu vasta experiência mundana. O narrador consegue intercambiar suas experiências, mas na sociedade burguesa perdeu-se esta habilidade juntamente com o *ethos* do povo. Articula uma comparação entre narrativa e romance, definindo este último como sendo um movimento literário emergente perante a burguesia. Diferente da narrativa, construída na comunidade de na troca de experiências, a criação do romance se estrutura no indivíduo isolado, pobre de experiências, por conta da especificidade das forças produtivas. Juntamente com a decadência da narrativa, se dá o esquecimento, a cegueira cultural perante a morte, pois estava inteiramente ligada à narração da existência e de seus valores, já que todo homem no seu leito de morte tinha uma grande autoridade transmitindo sua história, esta autoridade origina a narrativa. Revelar a morte como sendo um fator importante para o surgimento da narrativa, criticando o assassinato à morte realizado pelos burgueses, com suas instituições assépticas, fazendo com que fosse jogada em um dos asilos burgueses. **Palavras-chave:** Narrativa, burguesia, morte.

RAPHAELA CÂNDIDO LACERDA (mandarin10@yahoo.com.br), Mestrado em Filosofia (UECE) Orientador: Prof. Dr. Jan Ter Reegen (UECE). **Política e Filosofia Moral no pensamento de Rogério Bacon: a observância às leis e estatutos que regulam as relações humanas.** Esta comunicação tem como objetivo apresentar em linhas gerais o pensamento de Rogério Bacon sobre a política e a filosofia moral a partir da leitura da *Filosofia Moral*, sétima parte da sua obra principal, *Opus maius*. Nesta seção Bacon dedica especial atenção à necessidade do respeito às leis e estatutos do Estado que regulam as relações humanas, relações estas nas quais o homem é testado na sua conduta moral no convívio com outros homens. Pois ele, não se bastando a si mesmo, precisa praticar as leis da convivência, daí ser inato ao homem ter alguma organização social. A leitura deste tópico em Rogério Bacon aponta para dois pontos marcantes: primeiro, uma forte influência do pensamento de Aristóteles, Aver-

róis, Avicena e Platão no seu entendimento das funções do Estado; segundo, a defesa da moral cristã como sendo a única moral que pode plenamente garantir a harmonia nas relações entre os homens. **Palavras-chave:** Moral, política, Estado.

RAVENA OLINDA TEIXEIRA (ravennart@hotmail.com), Graduada em Filosofia (UECE/ Provic), Grupo de Pesquisa: A questão da Liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza Orientador: Prof. Dr. Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso (UECE). **Uma análise sobre o mal na Ética de Benedictus de Spinoza.** O filósofo Benedictus de Spinoza (1632/1677) trabalha, em sua obra maior intitulada *Ética* mais especificamente na quarta parte dessa obra, que tem por título: A servidão humana ou a força dos afetos, uma resposta inovadora para a questão do mal. Com isso ele rompe com a tradição filosófica do século XVII e nos remete para algo semelhante ao que se pensava na filosofia dos estoicos. O mal é definido como modo do pensamento ou noção que formamos por compararmos as coisas entre si, mostrando que o mal não está nas coisas e sim no homem. Com efeito, para Spinoza a mesma coisa pode ser boa para alguns e má para outros, ao mesmo tempo. Portanto, pode-se afirmar que em Spinoza, o conceito de mal é relativo ao indivíduo. Para a explicitação do sentido spinozista de mal, será necessário expor os conceitos usados por Spinoza, como por exemplo, a definição de substância, de atributos, de modos, dos afetos e em particular, suas análises sobre a virtude, o desejo, a alegria e a tristeza. Utilizaremos também outras obras do autor, bem como as outras partes da *Ética*, visando um melhor entendimento sobre os termos essenciais para a compreensão do nosso tema. **Palavras-chave:** Mal, Spinoza, relativismo.

RENATA DE FREITAS CHAVES (renaty_fc@hotmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE), Grupo de Pesquisa: Ética e Direitos Humanos. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marly Carvalho Soares (UECE). **A sociedade civil em Hegel.** A Sociedade Civil representa o momento em que os indivíduos autôno-

mos e diferentes se relacionam entre si a fim de satisfazer suas carências particulares. Esta união constitui o momento universal da Sociedade Civil, em que eles formam um sistema de dependência recíproca, visando o fim egoísta de cada um. O que equivale afirmar que na Sociedade Civil o outro é visto como uma possibilidade de satisfazer as carências particulares, ou seja, o particular é o determinante e o universal é reduzido a um meio para satisfazer as particularidades. Deste modo, é preciso analisar no contexto da sociedade moderna como essas relações de dependência recíproca se articulam no mundo do trabalho e da produção, e como se dá a administração das carências, dos conflitos, das contradições, e da efetivação da liberdade. Esta análise terá como base os Princípios da Filosofia do Direito de Hegel, que desenvolverá dialeticamente todo esse contexto de dependência dos indivíduos, demonstrando que o espaço da Sociedade Civil impossibilita a realização da Liberdade concreta, pois a efetivação da liberdade é egoísta, na medida em que visa à liberdade particular em detrimento da liberdade coletiva, portanto, a sociedade civil é antagônica a comunidade ética que pressupõe a integração da liberdade na vida do homem. **Palavras-chave:** Sociedade, egoísmo, liberdade.

RENATA DE OLIVEIRA LARA (philialara@gmail.com), Mestrado em Filosofia (UECE/FUNCAP), Grupo de Pesquisa: Walter Benjamin e a Filosofia Contemporânea, Orientador: Prof. Dr. Jan ter Reegen (UECE). **Amizade e Prudência em Aristóteles.** A exposição formulada desenvolve os conceitos de amizade (*philia*) e prudência (*phrônesis*) na *Ética* a Nicômaco. Tem como propósito demonstrar a relação entre o amigo, o justo e o homem prudente com ênfase na figura do político governante da cidade, pois segundo Aristóteles, a prudência é a virtude (*areté*) mais importante do político. Sob o método discursivo argumentativo do silogismo prático aristotélico estruturou-se a elaboração deste tema abrangendo os conceitos de virtude e felicidade (*eudaimonia*). No livro VI da EN o ponto central que discorre sobre a prudência tem a finalidade de completar o estu-

do da virtude moral considerando que para exercermos a virtude é preciso ser prudente. Tecemos algumas elucidações complementares à exposição em desdobramento sobre o acaso e contingente, liberdade e tempo oportuno (*Kairós*), e o aspecto antropológico da prudência: a deliberação, escolha e juízo, visando à articulação específica sobre o amigo e o prudente no instante da decisão. **Palavras-chave:** Amizade, virtude, prudência.

RENATO ALMEIDA DE OLIVEIRA (renatofilosofosds@yahoo.com.br), Mestrado em Filosofia (UFC/FUNCAP), Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas (UFC). **Objetividade e historicidade: breves considerações acerca do conceito marxiano de homem.** A comunicação tem por pretensão de realizar uma análise das categorias objetividade e historicidade na filosofia marxiana, especialmente no que tange à antropologia filosófica. Para Marx, o homem é um ser objetivo-histórico, isto é, um ser que intervém na realidade natural para satisfazer suas carências e na medida em que mantém essa relação com a natureza, mediante o trabalho, cria um feixe de relações sociais e constrói a história. **Palavras-chave:** Marx, objetividade, historicidade.

ROBERTO ROBINSON BEZERRA CATUNDA (robinsoncatund@yahoo.com.br), Mestrando em Filosofia (UECE/FUNCAP), Grupo de Pesquisa em Dialética e Teoria Crítica da Sociedade e Filosofia Medieval. Orientador: Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino (UECE). **Arte retórica, dialética e política em Aristóteles.** A *tékhnē retoriké* é entendida por Aristóteles como uma *epistéme* que trata do que é variável e contingente e tem como fim a produção de algo distinto dela. É, portanto, um saber que conhece as causas do seu procedimento. Aristóteles inicia sua arte retórica afirmando que a retórica é “outra face da dialética” (*Rhet.* I, 1, 1354 a). Sua afirmação se dá com base no fato de que, do ponto de vista da forma, a retórica, assim como a dialética, procedem de premissas que tem com base o verossímil, as opiniões comuns (*endoksoi*). Segundo Aristó-

teles, a retórica é uma *tékhnē*, que na sua classificação do conhecimento não é apenas uma mera *empería*, mas também não é uma *epistéme* (ciência), nos termos em que Aristóteles a classifica nos *Analíticos*. No entanto, é possível relacionar a retórica em termos de forma à dialética, o que veremos na apresentação das *pístis* (provas); no que diz respeito ao seu conteúdo, a retórica assemelha-se à política já que a retórica também trata do *éthos* (caráter) e do *páthos* (paixões). É com base nessas relações que pressupomos esclarecer o estatuto epistêmico da retórica. **Palavras-chave:** *Tékhnē*, *endoksoi*, *epistéme*.

THAÍS HELENA ELLERY DE ALENCAR (thatylena@yahoo.com.br), Graduada em Filosofia (UECE/ PIBIC-CNPQ), Grupo de Pesquisa em *emnb* Hegel e o Direito, Orientador: Prof^a. Dr^a. Marly Carvalho Soares (UECE). **O Espírito Subjetivo livre e a transição para o Espírito Objetivo.** O Espírito Livre consiste em uma unidade do Espírito Teórico e do Espírito Prático. Nesse momento o espírito se sabe como Espírito Livre e se quer com esse seu objetivo. Portanto, é a idéia em si ou vontade racional. Inicialmente, a vontade racional é uma atividade formal, e a idéia de liberdade consiste em uma vontade finita, sendo seu conteúdo e fim. E a idéia de liberdade deve desenvolver-se até seu conteúdo estar como o ser-aí e, dessa forma, estar como ser-aí da idéia é efetividade, ou o Espírito Objetivo. A idéia de liberdade está sujeita a maus entendidos, pois os indivíduos aderiram uma representação abstrata de liberdade essente para si, precisamente por ser a liberdade essência própria do espírito. Segundo Hegel, a idéia de liberdade universal veio ao mundo por meio do Cristianismo, no entanto, há povos que ainda não a conhecem. A partir do momento que o homem reconhece a relação com o Espírito Absoluto, sendo ele sua essência, o homem também reconhece que há o Espírito Divino e que este se encontra embutido na esfera mundana sendo substância da Família, da Sociedade Civil e do Estado. **Palavras-chave:** Liberdade, eticidade, espírito.

THIAGO ROQUE DE SOUZA (thiagoroque@hotmail.com), Graduando em Filosofia (UECE/ IC/(UECE), Grupo de Pesquisa: Walter Benjamin e a Filosofia Contemporânea, Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha de Castro Callado (UECE). **A pobreza de experiência: Uma visão benjaminiana da nossa pobreza de experiências.** Este trabalho tem como objetivo analisar o pensamento do filósofo e crítico literário alemão Walter Benjamin (1892-1940) em relação a sua concepção de pobreza de experiência pela humanidade e sua crítica à mesma, exposta em seu ensaio intitulado: *Experiência e pobreza*, ensaio este em que o filósofo trabalha também a degeneração do patrimônio cultural, assessorado pela técnica juntamente com seu desenvolvimento, e também o fenômeno da cultura de vidro. Segundo Benjamin, a humanidade é pobre em experiências, apesar de suas vivências e de grandes fatos que marcaram a história universal, a humanidade não consegue aspirar tais experiências vividas, se tornando com isso pobre de experiências, porque mesmo diante desses grandes fatos, não consegue repassar as experiências que são cada vez mais incomunicáveis. Também mostraremos em nosso trabalho o conceito de experiência, e usaremos alguns pontos do texto: *O Narrador*, de Benjamin, para compreendermos tal conceito na concepção desse pensador. **Palavras-chave:** Benjamin, pobreza, experiência.

WALBER NOGUEIRA DA SILVA (s.walber@ig.com.br), Aluno Especial do Mestrado em Filosofia (UECE), Orientador: Prof. Dr. Francisco José Soares Teixeira (UECE). **A teoria da alienação nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, de Karl Marx.** Os chamados *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, obra de Marx publicada apenas em 1932, é um texto-chave no conjunto da obra marxiana, pois é um ponto de inflexão. Sua originalidade inovadora está no fato de que é nela que Marx apresenta o papel do trabalho na formação do homem e da história, o que vai permitir a realização de seu materialismo filosófico como totalidade lógica. O principal conceito destes *Manuscritos* é o conceito de alienação, que está intimamente ligado ao de trabalho.

Na acepção marxiana (e marxista), a alienação é um fenômeno que deve ser entendido a partir da atividade através da qual o homem produz os seus meios de vida e cria a si mesmo: o trabalho humano. O trabalho é aqui considerado de duas maneiras: na sua acepção geral, como atividade produtiva, a determinação ontológica fundamental da humanidade; e na sua acepção particular, na forma em que ele assume na sociedade capitalista. É nesta última acepção que o trabalho é base da alienação. A alienação do trabalho consiste no fato de o trabalhador não se reconhecer no produto de seu trabalho e, por este motivo, o trabalho se tornar sacrifício, martírio. Assim, aquilo que é um fator de humanização do homem, de desenvolvimento de suas potencialidades, de modificação da natureza e de ser modificado por ela, torna-se o seu contrário. A alienação tem quatro aspectos principais: a) o homem está alienado da natureza; b) está alienado de si mesmo (de sua própria atividade); c) de seu ser genérico (de seu ser como membro da espécie humana) e d) está alienado dos outros homens. A alienação pode se manifestar de várias formas, como a econômica (cuja análise Marx vai aprofundar n^o *Capital* e dar o nome de fetichismo da mercadoria), a religiosa (de que Marx trata nos *Manuscritos*), a política, a estética. Porém, a alienação econômica é a raiz deste fenômeno global conhecido como alienação. **Palavras-chave:** Marxismo, alienação, trabalho.

WESLEY CARLOS DE ABREU (wesleyaha@yahoo.com.br), Graduando em Filosofia (UECE), Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Rodrigues da Costa (UECE). **Liberdade e autonomia da vontade do sujeito.** A liberdade é um conceito essencial na filosofia de Immanuel Kant (1724-1804), presente tanto nas exposições teóricas como nas exposições práticas de sua filosofia. O propósito desta comunicação atenderá para o segundo aspecto, que apresentará o caminho encontrado por Kant na *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), para que o homem seja livre nas ações em que prática perante o mundo e principalmente para ele próprio. Afinal, na proposta da Fundamentação,

uma ação só é digna de ser considerada moral se for realizada livremente. Mas, para que o sujeito possa agir livremente, ele deve ter uma autonomia da vontade. A idéia de liberdade revela aqui uma autonomia do ser, o fundamento para o imperativo categórico, o pressuposto necessário como regra pelo qual o sujeito julga moralmente qualquer uma das ações que realiza. Na citada obra, o sujeito só se realizará na liberdade se seguir as regras da moralidade, onde uma máxima estabelece a universalidade da lei moral nas relações externas do homem. Assim, a busca de Kant tem como projeto atingir um reino dos fins, em que todos os indivíduos são livres para agir conforme lei moral. **Palavras-chave:** Liberdade, autonomia da vontade, imperativo categórico.